rita lee
outra autobiografia
GLOBOLIVROS

rita lee

outra autobiografia

GLOBOLIVROS

Sempre achei que biografia fosse coisa de gente morta.
Mas, quando decidi escrever *Rita Lee: uma autobiografia* (2016), o livro marcava, de certo modo, uma despedida da persona ritalee, aquela dos palcos, uma vez que tinha me aposentado dos shows. E achei que nada mais tão digno de nota pudesse acontecer em minha vidinha besta.
Mas é aquela velha história: enquanto a gente faz planos e acha que sabe de alguma coisa, Deus dá uma risadinha sarcástica.

Sumário

Pular sumário [»»]

O elefante

Em 19 de março de 2021 fui tomar a primeira dose da CoronaVac numa UBS de Taboão da Serra, cidade que fica mais ou menos perto de Cotia, onde moramos. Rolou a agitação usual de quando chega alguma "celebridade", e foi um tal de pedidos para tirar selfies e dar autógrafos, receber elogios, ou seja, o lado bom de ser conhecida e receber carinho dos fãs. Mas eu estava morrendo de medo de me contaminar pegando em canetas de desconhecidos, sendo abraçada pelas enfermeiras e por quem estava na fila ou passava por lá. Aos poucos, a noia da aglomeração foi substituída pela sorte de ter finalmente recebido a vacina, o que me deu certa sensação de proteção celeste. Cheguei em casa, tomei banho, dei comida aos bichinhos, assisti a uma série e fui dormir. Dia seguinte acordei com um elefante deitado sobre o lado esquerdo do meu corpo. Eram dores tão alucinantes que pensei estar infartando. O lado direito funcionava bem, como se nada houvesse, e arrastava o esquerdo como um saco pesado de batatas. Me passaram um remédio bomba que curou a dor, mas deu uma bela prisão de ventre. Dois dias depois, assim como chegou, o elefante foi embora.

Rob tomou a vacina e passou em brancas nuvens.

* * *

Em 9 de abril fui tomar a segunda dose da vacina já preparada caso o elefante resolvesse dormir comigo novamente. Antes fosse. Passei a noite do mesmo dia em claro, tossindo e escarrando uma espécie de gosma nojenta meio marrom e com o peito chiando. Crente que fosse uma bronquite, dia seguinte de manhã marquei uma consulta no Einstein com minha otorrina de longa data, dra. Estelita, que ao me ver ficou impressionada com a minha magreza e me fez subir na balança: 37 quilos. Mediu os sinais vitais e, ao escutar os pulmões, demorou mais que o esperado.

Sem me dizer uma palavra, pegou o telefone e ligou para o dr. Ribas, oncologista renomado, que trabalhava naquele momento no Hospital das Clínicas. Depois disso, dra. Estelita solicitou um urgente raio X do tórax e vieram me buscar com uma cadeira de rodas. Do exame me encaminharam direto para o consultório do dr. Ribas, que era em outro andar, e ele também examinou demoradamente meu pulmão esquerdo e depois foi confabular em mediquês com Estelita por telefone sobre minha situação.

Até então, imaginava que fosse voltar para casa naquele mesmo dia; devia ser uma bronquite e um remedinho daria conta de me deixar nos trinques. Mas fui comunicada pelo dr. Ribas de que poderia ser uma de três coisas: fungo, tuberculose ou câncer. A “massa”, como eles se referiam ao troço, precisava ser melhor investigada para fecharem o diagnóstico e terem mais detalhes. Era preciso que eu fizesse naquela mesma tarde uma tomografia com contraste para buscar sinais de metástase. Foi dra. Estelita que, com toda a calma, delicadeza e seriedade do mundo, me disse que eu estava com um câncer de vinte centímetros de perímetro no pulmão esquerdo e que apenas uma biópsia em alguns pontos revelaria o tipo de célula cancerígena, que eu faria no dia seguinte de manhãzinha. Para tanto, eu deveria ser internada, e depois, quem sabe, voltaria para casa.

Ligaram para Rob e explicaram o quadro a ele porque minha cabeça estava pra lá de Marrakesh e a ficha ainda não tinha caído. Foi uma sorte, disseram, eu ter tido reação à vacina, já que, do contrário, não teria ido ao hospital e nem descoberto o câncer rapidamente.

Não lembro do que aconteceu no restante do dia porque comecei a me empapuçar de um tarja preta que havia descolado na véspera com um farmacêutico chapa, antevendo que a consulta na otorrina talvez não fosse muito agradável — um sopro do meu Anjo da Guarda. Passei a noite chapada e de repente estava na sala de cirurgia avisando o anestesista de que eu era dura na queda em matéria de “apagar” — e ele fez uma graça dizendo que Michael Jackson também. Acordei da anestesia crente que fosse embora para casa, e qual não foi minha infeliz surpresa quando me vi no quarto de uma ala esquisita com paredes cinza; médicos e enfermeiros de uniforme cinza; e chão e teto cinza. Parecia cena de um livro de Huxley.

O quarto ficava no primeiro andar e dava para escutar o barulho de sirenes indo e vindo, caminhão de lixo de madrugada, gente na rua conversando alto, e não deu outra: bateu uma crise forte de pânico. Dizem que fiz uma cena digna de *One Flew Over the Cuckoo’s Nest*.[1] Minha

cabeça pirava de cinco em cinco minutos porque era um entra e sai de médicos, enfermeiras, nutricionistas, fisioterapeutas, faxineiras… todos me fazendo perguntas, as quais eu respondia, aflita, que só queria voltar para minha casa.

Com a cabeça confusa e em negação, tive a impressão de que havia passado apenas uma hora entre a consulta na otorrina e ter acordado naquele quarto lúgubre; nem lembrava que já havia sido sedada e feito uma biópsia. Em certo momento, estava com quatro enfermeiras em cima de mim, me segurando na cama para não sair feito louca

pelo corredor ou me atirar pela janela. Me senti meio Linda Blair, a menina atriz possuída de *O exorcista*.

Já livre dos efeitos do tarja preta e da anestesia, comecei a pedir remédio para chapar. Mas, para isso acontecer na madrugada, as enfermeiras precisavam do aval do médico plantonista, que consultaria dr. Ribas, ou seja, levaria trocentas horas até eu receber o medicamento.

Sou macaca velha de hospital e hospício e, como já comentei antes, mocozei o tarja preta no nécessaire que levava na bolsa. Uma Linda Blair sob controle dizia para as enfermeiras que precisava ir ao banheiro e que queria privacidade. Nessas, eu enchia a cara de tarjas e saía da toalete mais “calminha”. A malandragem só durou um dia porque elas logo descobriram o esconderijo e *adiós*, chapação. Me senti culpada por ter tomado tarja preta depois de quinze anos limpa; foi uma recaída relâmpago humilhante.

Na real, eu passava por três situações desagradáveis *all together*: crises de pânico intermitentes, abstinência de cigarro e câncer no pulmão. Isso tudo em meio a uma pandemia que, na época, já tinha feito 500 mil brasileiros mortos.

Depois que cortaram minhas asinhas sumindo com meus tarjas, passei três dias sem dormir, que nem uma zumbi arrastando correntes pelo quarto e corredor. As enfermeiras me punham na cama e eu fingia ter dormido. Elas saíam e eu pulava do colchão e andava pelo quarto feito animal enjaulado. O *staff* todo era supergentil e ficava assustado quando aquela velhinha magrela entrava em parafuso e bradava contra o Bozonaro et caterva.

A medicação que me davam parecia pó, e seu efeito anfetamínico me deixava falando até com as paredes. Às vezes, eu segurava umas enfermeiras pelo uniforme e fazia altos discursos sobre os políticos e seus crimes contra o país. E me exaltava tanto que acabavam me dando um sossega-leão, e, quando o remédio batia, o ódio dava lugar ao choro, e eu

pensava nos brasileiros que estavam morrendo por falta de compaixão dos canalhas no poder. A dupla personalidade perdia.

Passado o efeito do calmante, voltava meu *côté* anarquista de querer subir num caixote e xingar o presidente e todos que o cercavam. O povo brasileiro tinha passado um ano e meio recebendo avalanches de informações sobre o caos da pandemia no mundo, a destruição da Amazônia, do Pantanal e da Mata Atlântica, o aquecimento global, a mortandade e os maus-tratos de crianças e de animais; enfim, eu tinha motivos de sobra para discursar sobre "n" assuntos cabulosos para quem entrasse no quarto.

De noite, o zum-zum-zum do hospital acalmava, entrava menos gente no quarto, então eu falava sozinha, tentava escrever, mas a mão tremia. Ligava para Rob e meus filhos de madrugada e deixava recado implorando para eles irem me buscar. Foram dias e dias nesse mesmo filme. Nem imaginava que minha família estivesse organizando trocentas questões sobre como seria meu tratamento e a volta para casa. Do alto da minha insônia, eu suspeitava que estivessem cuidando do meu enterro. E mais uma vez via o dia nascer rouca, com olheiras até o chão, cheia de tubos e acessos nos dois braços.

Nota

1 *Um estranho no ninho*, filme de 1975 estrelado por Jack Nicholson baseado no romance de Ken Kesey, de 1962. [««]

O trauma

Chegou a bandeja do café da manhã no primeiro dia, e só faltei vomitar em cima. Chegou o almoço e quase vomitei em cima também. Diante da situação de eu não conseguir nem olhar para nenhuma comida, dr. Ribas conversou com Rob sobre o perigo do tratamento de câncer em uma pessoa tão magra e sugeriu colocar uma sonda nasoenteral para que eu me alimentasse na marra. Esse foi um dos momentos mais traumáticos que vivi.

Primeiro, tentaram introduzir um tubo pela narina direita, onde tenho desvio de septo e, é claro, o troço empacou. Foram então para a narina esquerda e enfiaram cada vez mais fundo. Quando o tubo chegou ao meu estômago, foi como se eu tivesse engolido um alien, daqueles que saem babando pela barriga da pessoa. A única narina pela qual eu respirava foi invadida por um monstro que bloqueava a respiração. O jeito era respirar pela boca, que logo virou um deserto de tão seca que ficou, enquanto a pobre traqueia pedia água, pelamordedeus. Fora que a maldita máquina que me alimentava na marra fazia um barulho infernal.

Foi nesse momento que me chaparam para não reclamar da sonda, num segundo acesso no braço esquerdo, e quando recebi a primeira dose da imunoterapia autorizada pela minha família. Acordei de madrugada e consegui ligar desesperada para Rob, implorando que ele pedisse a alguém para retirar imediatamente a sonda ou eu morreria asfixiada — e não era brincadeira.

Até o médico plantonista pedir autorização ao médico responsável demoraria um século, e eu já estava arrancando o tubo com a mão quando alguma alma bondosa apareceu e delicadamente exorcizou o demônio do meu corpo e pude ressuscitar.

A retirada da sonda com aquele rango sintético me causou três dias de diarreia descontrolada, por isso resolveram colocar fralda descartável em mim, *la crème de la crème* da humilhação. Nesse estágio, a gente esquece a finesse, o *noblesse oblige* e mija, caga e peida até na frente da rainha da Inglaterra.

Depois de três dias e três noites sem dormir nem comer, bateu um pânico arrebatador de madrugada, uma vontade de ir embora pra casa, e comecei a tremer, a chorar, a hiperventilar, sem nenhum controle corporal, enquanto tinha visões tipo *Inferno* de Dante. Entendo perfeitamente nosso querido Grande Otelo quando, numa brecha dos enfermeiros, fugiu do hospital onde estava internado de camisola, daquelas que deixam a bunda de fora.

Já cansadas e impotentes com minhas panikadas, as enfermeiras do plantão da madrugada concluíram que um bom banho me acalmaria.

Tiraram minha roupa e me sentaram pelada numa cadeira de plástico com rodinhas e assento aberto igual privada. Eram seis mãos me ensaboando inteira, lavando meus cabelos, minha xereca, minha bunda. O chuveirinho estava frio, me fazendo tremer ainda mais, e me senti meio Carrie, a estranha, na parte em que o balde com tinta vermelha cai bem na cabeça dela e desperta sua fúria assassina.

Como não tenho esse poder de destruição com a mente, só conseguia chorar diante da minha impotência. Imagino que as enfermeiras tenham feito aquele horror comigo com a maior das boas intenções. Enquanto me lavavam, conversavam até sobre amenidades da vida delas e eu lá, ora puxada pra esquerda, ora pra direita, chorando como um bebê largado na lata de lixo na chuva.

Depois que o banho terminou, meus dentes tremiam feito castanholas. Me secaram meio por cima e me vestiram ainda molhada. Para me ver livre delas, menti que queria dormir um pouco e fiquei fazendo cabaninha com o cobertor, tentando me secar e me esquentar daquele frio na alma.

A Sininho

Vez ou outra, durante as primeiras horas do dia, entrava no meu quarto uma auxiliar de enfermagem, que devia ter menos de 1 metro e meio, com um rostinho sereno e bonito, um rabo de cavalo até a cintura, supermagrinha. Ela chamou minha atenção num momento em que eu estava sob controle de mim mesma e puxei conversa enquanto ela trocava os lençóis da cama. Me contou que nasceu com os órgãos internos invertidos! Coração do lado direito, fígado do lado esquerdo, canhota e assim por diante. Parecia uma fadinha se comparada às outras enfermeiras, todas altas e fortes, mas era ágil e sempre me oferecia palavras de conforto com sua voz de criança. A apelidei de Sininho.

Quando ela entrava no quarto, tudo ficava mais leve. Até hoje não sei se ela era de verdade ou uma aparição quando ninguém estava presente além de mim.

Adendo aparição

Falando em aparições, me lembrei de certa vez, nos anos 1970, quando viajava de jipe com minha cachorra Danny até o Guarujá pela via Anchieta. Avistei um rapaz caminhando pelo acostamento em sentido contrário, na mesma pista em que eu estava. Chamou minha atenção porque ele andava calmamente com o rosto sereno, olhando para a frente. Mais adiante, vi um carro parado na transversal e um homem saindo dele para acudir outro deitado no chão. Parei o jipe e ofereci ajuda, e esse homem, desesperado, disse que havia atropelado e matado acidentalmente uma pessoa. Com aquela curiosidade mórbida que todos temos, fui olhar a vítima, e era aquele mesmo rapaz que vinha tranquilo, segundos antes, na contramão. Mistérios sempre hão de pintar por aí.

Como daquela vez que estava, um tempo atrás, contando para meu filho Beto e minha neta Ziza histórias engraçadas sobre o casarão onde eu morava na infância, na Vila Mariana. E eis que, de repente, o relógio de

corda do meu pai pendurado na sala, que havia séculos estava parado, deu uma badalada: *Déin!*

¡Yo no creo en fantasmas, pero que tienen buen humor, tienen!

O tratamento

Era bem cedinho quando dr. Óren, o big boss da ala de oncologia do hospital, testemunhou o fim de uma crise de pânico minha e aguardou até que eu me autocontrolasse para ter uma conversa séria. Eu já havia comunicado ao dr. Ribas que quimio e radioterapia estavam fora de questão, e dr. Óren queria saber o porquê disso. Contei do trauma que ficou em mim por ter visto o sofrimento da minha mãe fazendo esses dois procedimentos quando teve câncer. Também pedi para que ele me desse morfina e acabasse logo com aquela balela de tratamento para curar uma doença que eu sabia ser incurável. Disse a ele que minha vida tinha sido maravilhosa, e que por mim tomava o "chazinho da meia-noite" para ir desta para melhor. Que me deixassem fazer uma passagem digna, sem dor, rápida e consciente; queria estar atenta para logo recomeçar meu caminho em outra dimensão. Sou totalmente favorável à eutanásia. Morrer com dignidade é preciso.

Ele me explicou que de 45 anos para cá tudo na medicina havia mudado bastante e contou sobre a imunoterapia, um tratamento relativamente novo que rendeu o prêmio Nobel de Medicina em 2018 ao estadunidense James P. Allison e ao japonês Tasuku Honjo. Esse procedimento chegou ao Brasil poucos anos atrás, e os resultados têm mostrado grande eficácia, sem causar os efeitos colaterais de uma quimio, tipo queda de cabelo, vômito, dores, enjoos etc. No fim do papo, dr. Óren abriu o jogo e completou que, fazendo a imunoterapia paralelamente à radioterapia (que também havia evoluído muito desde o tempo da minha mãe), eu teria 99% de chance de não precisar de cirurgia. Imuno e radio juntas dariam conta de fazer o tumor desaparecer de vez.

Ele ressaltou que uma decisão sobre a radio deveria ser tomada logo e me deixou sozinha para pensar a respeito. Conversando com Rob, que por sua vez já havia se reunido com nossos filhos e dr. Óren, resolvi que quem decidiria meu tratamento seria minha família, que optou pela combinação das duas terapias.

Com essa confirmação, dr. Óren não perdeu tempo e organizou minha mudança para outro quarto na ala oncológica, no 11º andar, onde ficava a maternidade e, portanto, mais distante ainda dos pacientes com covid — além disso, o *staff* dele tinha mais preparo para lidar com doentes que piram. O novo quarto tinha uma vista bonita, a cor da parede era verde, a enfermagem só usava branco, assim como os médicos.

O ambiente me pareceu mais alto-astral, todos ultraeducados e atenciosos. O lance é que voltou a acontecer um entra e sai, dessa vez da equipe do dr. Óren que se apresentava: médicos, enfermeiros de plantão, nutricionistas, fisioterapeutas, pneumologista, até dentista para cuidar das minhas aftas com laser… e também uma médica zen que fazia reiki.

Fiquei internada lá por quase duas semanas, e era uma bênção quando Rob e João chegavam, todo santo dia, para ficarem comigo, me dando força e fé para acreditar no coquetel imuno/radio sobre o qual eles haviam pesquisado a fundo. O amor dos boys Carvalho/Lee me fez optar por aceitar fazer o tratamento, porque, se fosse por mim, adeus mundo cruel na boa.

Dr. Ícaro, o big boss da radioterapia do hospital, foi me visitar e explicou como funciona a parceria imuno/radio e esclareceu mais características diante das minhas dúvidas. Tudo era muito novo para mim, então demorei a entender algumas etapas dos tratamentos, sempre levava um susto com certas explicações esdrúxulas e entrava no treme-treme.

Dr. Óren sugeriu um psiquiatra para cuidar da parte psicológica e me fazer desmamar aos poucos dos tarjas pretas com remédios mais modernos e, mais uma vez, minha família tratou de descolar um *shrink* sério.

Uma das nutricionistas veio me falar sobre alimentação e me disse que veganismo era sua especialidade. Pensei ter encontrado a grande solução para ganhar peso. Qual não foi minha decepção quando provei o patê de grão-de-bico congelado que tinha gosto de parede; depois provei a sopa de couve-flor que tinha gosto de cal; e, por fim, provei a sobremesa de pera assada que tinha gosto de nada. Aquilo não abriria o apetite nem do João Gordo. Mas… bastava lembrar da sonda nasal que eu comia a gororoba falsamente sorrindo.

A velhice

FAZ POUQUÍSSIMO TEMPO que notei que estou velha, coisa de dez anos para cá, quando abandonei os palcos. A sensação é a de que eu nunca fui tão eu mesma como sou hoje. Parece que os cinquenta anos que passei na estrada levando a vida de cigana não era eu. Parece que passei um bom tempo na caverna de Platão até descobrir o Universo e tentar desvendar os mistérios que há nele. Entendo perfeitamente o que Nelson Rodrigues quis dizer com "jovens, envelheçam!". Trocamos a pele de cobra e em vez de rejuvenescer por fora renascemos por dentro, ficamos mais atentos, mais próximos da morte, e isso nos faz questionar e buscar informações que só agora parecem fazer mais sentido.

Fico contente quando mudo de opinião… "*Are you experienced?*", perguntava Hendrix. "*Can you master the art of dying?*", perguntam os cabalistas. Como é bom não ter personalidade fanática, a gente passa por tantas "verdades", o que faz com que cheguemos à conclusão de que só mesmo sendo um espírito sem corpo físico é que vamos ter acesso aos arquivos akáshicos de nossa existência eterna até alcançar a Luz Divina. O caminho é longo, cheio de armadilhas, e o velho ditado é aqui aplicado: só os tolos não mudam de opinião. Velhos devem praticar a leveza do ser e o desapego da matéria, tolerar papo "inteligente" dos jovens, voltar a ser criança conhecendo o mundo pela primeira vez.

Ficar velho é um sentimento de missão cumprida e comprida. Sei que estou mais perto da morte do que jamais estive, mas não sinto meu coração apertar de medo, e sim que vou deixar meu corpo físico e partir para o desconhecido do qual também não tenho medo.

Posso me imaginar num jardim maravilhoso rodeada de bichos e dos que partiram da minha família antiga. Ou então vou me desmanchar num microátomo, ser parte do Todo e desvendar os mistérios que tanto questionei quando estava viva. Morte deve ser o grande gozo final da vida; aonde quer que eu vá, lá estarei eu.

E, se por acaso a morte significar o fim total de minha consciência, também vou gostar. A única verdade só vamos conhecer quando morrermos?

A viagem

Não conseguia dormir nos primeiros dias no quarto novo, então me davam um comprimidinho de sei lá o quê jurando que ia me chapar e me fazer dormir tranquila. Eu tentava dizer que era dura na queda, que quase nada me derrubava, ainda mais aqueles placebos que queriam que engolisse. As enfermeiras davam uma risadinha simpática e eu acabava tomando. Ó céus, como eu entendo você, Michael Jackson…

Tempos atrás, participei de um grupo de estudos sobre teosofia, mestres ascensionados da Fraternidade Branca, madame Blavatsky, ufologia cósmica, Chico Xavier, tarô, runas, tao, história dos santos e das santas que andaram pela Terra e atingiram a iluminação, budismo e tantos outros "ismos". Voltei ao tempo em que eu fuçava os esotéricos, sabendo que estava no bê-á-bá da coisa, mas no caminho do despertar. No hospital, ficava recordando de cabeça algumas aulas e leituras e, por incrível que pareça, a memória até que voltava fácil, e assim eu canalizava o que tinha aprendido na época.

Na noite de 30 de abril, quando o entra e sai de gente no quarto acalmou e eu sabia que teria pela frente mais uma noite de insônia, comecei a fazer exercícios de respiração, e nessas o desconfortável cateter enfiado no nariz me ajudava a respirar melhor. Algo estava para acontecer. Sabe quando sua luzinha interior fica pulsando e soprando um recado vindo sei lá de onde?

E foi de repente que me vi saindo do meu corpo físico, embora estivesse totalmente consciente. Difícil descrever em palavras o que vi e senti quando fui parar na presença de uma esfera flamejante multicolor. No primeiro segundo senti medo, mas, no segundo seguinte, fui envolvida por um amor tão imenso que me entreguei por inteira àquela aparição e, a partir de então, fui inundada de revelações e visões nunca dantes imaginadas por mim.

Meu lado são Tomé recebeu a prova que sempre esperou para crer que de fato a vida só começa mesmo quando nos transformamos em espírito. O "outro lado", ou seja, as Dimensões de Luz, nos é muito mais familiar do que este lado, onde vivemos presos dentro de corpos densos. Não sei quanto

tempo durou a viagem até me sentir puxada de volta para a cama do hospital. Aterrissei em estado de graça e com o sol nascendo em primeiro de maio.

Tentei escrever sobre a experiência, mas palavras não davam conta. Foi uma trip pessoal e intransferível. Ainda numa espécie de transe, me toquei da prova de fogo que seria cuidar do meu corpo físico dali pra frente e topei o desafio. Antes mesmo de nascer, minha vida inteira fora programada por mim junto aos mestres de Luz que conhecem e servem ao propósito Divino. Agora só resta cumprir meu darma neste corpo físico que, no momento, é tratar de vencer o câncer.

Tendo consciência disso, senti uma fé de que fazia tempo meu coração andava afastado. Desta vez eu teria que vencer o dragão da maldade que tinha se alojado em mim sob a forma de tumor por mea-culpa, mea-culpa, mea maxima culpa.

O cigarro

DURANTE ANOS E ANOS tive o principal aliado causando um baita dano no meu pulmão: o cigarro. Havia tempos vinha recebendo sopros para parar de fumar e eu simplesmente ignorava e até tirava sarro quando alguém me dava um toque. Para mim, fumar era um prazer, uma chupeta, um velho amigo que me entendia, e ainda havia o ritual de abrir o maço, puxar um cigarro, manuseá-lo um pouco, acendê-lo e dar um longo trago, esquecendo os problemas da vida… pelo menos por uns minutos.

Comecei a fumar aos 22 anos e só conseguia parar total quando engravidava ou quando me dava na telha de substituir por cannabis, que é uma planta sagrada e condenada por gente burra. Não dá para dizer que eu fumava cigarro industrial por ignorância; eu sabia muito bem o que as facadas de fumaça venenosa causavam aos meus pobres pulmões.

Fumava para meditar sobre uma letra de música, buscar uma solução para problemas caseiros ou dar uma pausa e só bundar no jardim pensando em como salvar a Natureza enquanto poluía com meu tabaco os delicados aromas das gardênias, dos manacás, das damas-da-noite, ou seja, a mesma Natureza que eu queria tanto salvar… lá estava eu jogando Marlboro no ar. Rita paradoxal. Alguma coisa estava fora da nova ordem mundial em relação aos cuidados com nossa Terra Nave Mãe.

Confesso que os dois maços que fumava por dia me cegavam dos conselhos, sinais, sopros, das indiretas e de uma tonelada de avisos para dar um stop definitivo no único vício que faltava para me considerar realmente limpa.

Nasci no pós-guerra, e por muito tempo a moda era imitar o glamour dos meus ídolos, que faziam cenas sedutoras com cigarro, como James Dean, Marlon Brando, Humphrey Bogart, Brigitte Bardot, Beatles, Stones, Hendrix e outros tantos. Repare só como é raro encontrar uma foto de Dean sem um cigarrinho na mão. Além disso, havia o fator “proibido fumar nesta casa”, o que tornava a coisa ainda mais sedutora.

Quando começou a pandemia, a noia existencial e as notícias me faziam consumir três maços e meio por dia, daí batia a culpa por não estar me alimentando direito e fumando feito louca. A primeira intenção na consciência era me forçar a comer uma simples banana, mas na hora H trocava facilmente a fruta pelo cigarro.

"Amanhã eu como", mentia para mim mesma. E nessas virei uma caveira fumante, acendendo um cigarro atrás do outro.

Durante minha estada no hospital, resolvi fazer um detox de redes sociais e desliguei o iPhone, o Kindle, não lia jornal nem ligava a TV, não queria mais saber se Bozonaro ia ser julgado e condenado como genocida. Enfim, a treta no momento era eu comigo mesma. Quem precisava de todo o foco naquela hora era meu corpo físico, esse corpo que foi tão maltratado e desrespeitado por mim nesses 74 anos de vida, tanto que o coitadinho estava com o mesmo peso da minha saudosa buldoga Bibi. A partir de então, seria como eu dizia na música "Saúde": "… eu sei que agora eu vou é cuidar mais de mim".

ADENDO CIGARRO

Não esperem que esta velha que ora vos escreve vire garota-propaganda antitabagista com discursinho inútil que, para um fumante, entra por um ouvido e sai pelo outro. Se você pretende parar com um vício, o primeiro passo é "querer de verdade" e se concentrar no seu *mind power*. Ou então aguarde ser merecedora, como eu fui, de uma "praga" das dimensões de Luz que resumiram a ópera:

"*Enjoy, enjoy, you have no choice!* Você desdenhou de nossa luzinha interior lhe avisando através de sinais, sopros, sonhos. Agora parou de fumar na marra." Os espíritos de Luz às vezes tiram bastante sarro na cara dos sapiens arrogantes.

Na verdade, passei a agradecer a porrada celestial porque, de outra maneira, eu ainda estaria fumando zilhões de cigarros por dia, deixando o tumor crescer alegremente enquanto morria asfixiada com look de múmia de faraó.

Olá a todos. Quem leu *Rita Lee: uma autobiografia* talvez se lembre de mim. Sou o Phantom, assombrei aquele livro e vou assombrar este também. E já vou começar contando que a “luzinha” e os “sopros” a que Rita se refere estavam se tornando praticamente um “farol” e um “tornado”. Ou será que ela não vai contar também que, recorrentemente, quando assistia a alguma série ou filme, aparecia um personagem que tinha deixado de fumar? E da vez que ela foi tomar vacina e viu escrito atrás de um caminhão: “Cigarro: uma brasa numa ponta e um trouxa na outra”? Fora o resto.

A alta

Um belo e inesperado dia recebi alta. Foi como ser libertada de uma solitária. Ficou resolvido que eu voltaria de ambulância para casa com o cateter de oxigênio. Minha vontade era de abraçar e beijar todo o *staff* do hospital em agradecimento aos cuidados e carinho que tiveram comigo. E aquele maldito Bozo desdenhando e ignorando os que trabalham na linha de frente da saúde. Chegou a turma da ambulância, e lá fui eu superamarrada na maca feito Hannibal Lecter.

Tudo dentro da ambulância-liquidificador chacoalhava, mas dei valor à sirene, que tirava da frente os carros e nos dava passagem. Quando chegamos, abriram a porta traseira e me levaram para a sala de maca. Aos poucos fui desamarrada, e, ao me sentar na maca e pôr os pés no chão, respirei o cheiro saudoso da minha toca, cheiro de bicho, cheiro da minha vida. Abraços, beijos e gracejos da família, e cadê a bicharada peluda? Saci olhou para mim e saiu chispando, acho que o cheiro do hospital o afugentou. Nino fez festinha latindo, pulando e abanando o rabinho; Gambá miou enquanto se esfregava na minha perna, me desejando boas-vindas, e Neguinha nem sequer acordou, deitada na cadeira de balanço.

Meu namorado humano Rob encheu a casa de flores, mudou móveis de lugar, arrumou meu quarto, comprou todos os remédios de que eu ia precisar, encheu a despensa de guloseimas, enfim, um lorde.

Meus meninos se revezavam no começo, mas Tui também tinha que cuidar de Arthur porque a creche ora abria, ora fechava. Beto também tinha que cuidar de Ziza e preferia o FaceTime diário. Juca e Rob passaram meses grudados comigo. Minha família é foda, linda e fofa.

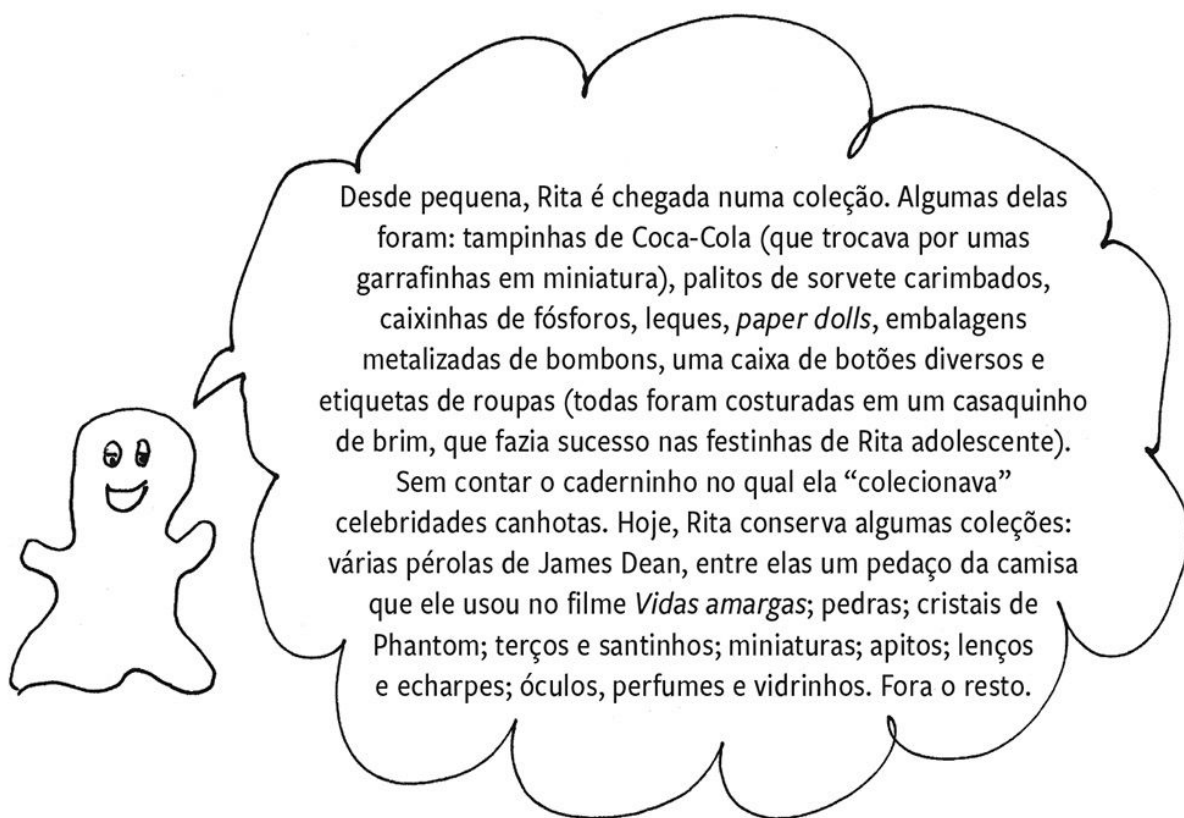
O foco era eu ganhar peso e ficar forte para aguentar o tranco que viria pela frente. Então, em casa, Rob, Juca e Tui se revezavam como *chef de cuisine*, e até aprenderam a fazer smooothies naturebas que levantavam defunto e ficavam alertas para que eu tomasse por dia pelo menos três shakes heavy metal com proteínas e calorias.

Tanta gente sem ter o que comer no mundo, e a veia fazendo frescura diante de uma alimentação feita com todo amor pela família. Mas não era bem assim, comer sem fome é uma tortura, e lembrei de um desenho animado do Pica-Pau usando um funil no Zeca Urubu forçando gasolina goela adentro do rival.

Ainda no hospital, soube que Rob havia contratado duas enfermeiras para acompanhar meu restabelecimento, um dia uma, outro dia outra. Situação esquisitíssima ter duas pessoas desconhecidas em casa atrás de mim o tempo todo, medindo ora o nível de oxigênio no sangue, ora a pressão, ora a temperatura e alertando sobre o horário certo dos trocentos remédios. E dá-lhe inalação de três em três horas e tapotagem em seguida, que são porradas dadas nas costas com as mãos em concha para ajudar a desgrudar o catarro dos pulmões. Mas percebi que com as crises de pânico minhas cuidadoras não sabiam lidar muito bem, nem esperar meu tempo para ficar "normal" de novo. Ambas demonstravam certo medo de cuidar de uma velha artista tida como drogada e malucona.

No começo, as enfermeiras ficaram assustadas com meu número de *O médico e o monstro* que começava sem aviso. Minha família já estava acostumada. E quem me socorria, me abraçando e sussurrando palavras no meu ouvido que acalmavam aos poucos meu "bixo porra-louca", eram Juca e Rob. No fundo, as *nurses* deviam achar que "todo artista toma 'tóchico'", mas logo entenderam que essas crises fortes de pânico invadiam minha cabeça quando menos esperava. Para Rob e eu, que havia dez anos morávamos sozinhos no mato, dividir a casa com elas foi esquisito. Aos poucos, fomos levando menos sustos e nos adaptando a dar de cara com uma delas sorrindo candidamente em algum canto da casa. A convivência com as enfermeiras merece um capítulo à parte porque me baixou um script à la Stephen King e várias vezes a noia de que elas iam me assassinar me pegava… seria tão fácil. Melhor era ter sempre uma tesoura à mão. Para resumir a coisa, vou chamá-las de enfermeiras A e B.

Como disse, Rob caprichou nos vasos de flores espalhados e na nova arrumação do meu quarto, adicionando uma cama extra. Tenho um gaveteiro art déco de madeira trabalhada com espelho, azulejos florais, enfim, uma peça antiga e única na qual eu espalhava minha coleção de perfumes, velas e incensos sobre sua bancada de mármore. De um dia pro outro aquilo virou um reduto de caixas de trocentos remédios, aparelhagem para medir pressão, temperatura e oxigênio, fraldas geriátricas, tubo de

inalação, álcool gel, luvas de borracha, máscaras etc. As enfermeiras certamente iriam achar a paciente um tanto exótica e teriam que se acostumar às várias fotos e aos desenhos nas paredes do quarto, do closet e do banheiro, forradas de James Dean, David Bowie, Stones, Carmen Miranda, além da coleção de cristais, pesos de papel, pedras brasileiras semipreciosas e outras tantas quinquilharias. Sem contar o projetor que ganhei do Gui Samora, que faz o teto do quarto virar galáxias e estrelas. Levei um choque, mas entendi que meu quarto seria um puxadinho do hospital… só que radicalmente psicodélico.

Ou seja, Phantom, sou uma acumuladora. Algo em que acredito desde pequena é no animismo, ou seja, acredito que tudo tem alma: computadores, carros, panelas, robôs, quadros, bonecos, poltronas, camas, armários, sapatos, imagens, postes, máquinas de fazer café etc. etc.: tudo é feito de poeira de estrela. Ter substituído um iPhone velho que já nem atualizava mais por um novo, por exemplo, me deixou sem dormir. Passei semanas conversando com ele, explicando que não ia jogá-lo fora nem dar a ninguém, que há funções no novo aparelho necessárias para eu me

comunicar melhor com o mundo. Enfim, o velhinho continua sendo meu amigo com o qual passei momentos inesquecíveis e ainda dorme na mesinha de cabeceira. Sim, não jogo nada fora, pois acho que vou magoar as traquitanas.

Voltando à alta: apesar das recomendações médicas de evitar contato com meus pets, que, segundo eles, poderiam me trazer fungos porque eu estava praticamente sem imunidade, cheguei em casa e já fui me deitando no chão para sentir o prazer de ser lambida, mordida, arranhada; de rabos abanando e beijos na boca. Meus filhos peludos jamais me dariam fungo, só amor. Enfermeira A ficou horrorizada, mas apenas sorriu candidamente apavorada.

Primeira coisa que eu quis fazer foi tomar um banho e ficar horas recebendo pingos d'água quentinhos e generosos do meu chuveiro familiar. Como meu equilíbrio para andar não estava assim tão firme nem minha oxigenação mostrava normalidade, enfermeira A me avisou para sentar no banquinho de plástico que ela me daria banho. Tarde demais. Me bateu uma ansiedade incontrolável que me fez arrancar minha roupa, ficar pelada e *pow*: entrei no chuveiro feito bala e comecei a me ensaboar da cabeça aos pés para sair pelo ralo toda a porcaria que grudou em mim no hospital. Mas acontece que exagerei na estabanação e comecei a perder o fôlego, daí precisei mesmo me sentar no banquinho. Nessas, a enfermeira A invadiu o box e, enquanto o oxigênio me salvava de um lado, do outro tive que dar o braço a torcer que A me avisou para pelo menos pegar leve, coisa que eu não sabia o que significava.

— Dona Rita, a senhora ainda não está em forma para exercícios que exigem muita movimentação.

Baixei a cabeça e aceitei o veredito. Enfermeira A era CDF e atenta; eu podia estar dormindo que ela me acordava com jeito no horário do remédio, da inalação ou para tomar sopa. Também me acompanhava ao toalete, tanto fazia se era xixi ou cocô, o que me afligia de constrangimento no momento de soltar um pum. Marcação mulher a mulher. Quando eu deitava um pouco à tarde e fingia cochilar, descobri que ela era viciada em palavras cruzadas e comemorava ao matar a charada com uma risadinha.

Comecei a dar valor a ela quando percebi que A tinha TOC. Certa vez, me levantei da cama para pegar uma garrafinha d'água na bancada do móvel déco e tirava a bula de uma caixa de remédios quando ela entrou no quarto e deu um gritinho:

— Dona Rita, a senhora não pode se levantar sem minha presença porque está sem equilíbrio nas pernas. Se precisar de alguma coisa, estou aqui para isso.

Uma espécie de “bronca da Gestapo” de preocupação apenas. Em seguida me deitou de novo e correu para arrumar a fileira de garrafas d’água, guardar a bula na caixa e colocá-la onde estava. Eu era só uma velha rabugenta implicando com pecados bestas que os jovens cometiam.

Em compensação, enfermeira A fazia uma massagem no corpo com um creme próprio para os efeitos da queimadura que a radioterapia causava que era tipo “Lucy in the Sky with Diamonds”. Suas mãos acalmavam até as crises de pânico.

Já a enfermeira B era meio robótica, bastava eu dizer o que fazer e ela obedecia; dava a impressão de que tinha pré-pânico quando eu a chamava para alguma necessidade e arregalava os olhos por uns segundos antes de captar a ordem. B não ousava entrar no banheiro comigo, mas notei que ela se interessava em me ver escovar os dentes por causa do meu ritual de meia hora com escovas diferentes e outros salamaleques bucais. Se eu falasse “não tô a fim de tomar esse remédio”, B mais que depressa saía de perto e o devolvia para a caixa. As duas, apesar de já estarem uma semana em minha casa, usavam máscara full-time, e era meio aflitivo não ver o rosto delas por inteiro. Cheguei a pedir que tirassem por um segundo, e elas diziam que era regra básica quando estivessem perto de mim, uma vez que minha imunidade estava abaixo de zero. Enfermeira A listava tudo o que ia rolar, tipo “Agora dona rita vai fazer inalação, depois dona rita vai tomar um banho e escolher uma roupinha confortável para descansar, enquanto isso vou afofar os travesseiros, e quando dona rita estiver deitada checo os sinais vitais”. Já enfermeira B chegava devagarinho, perguntando bem baixinho: “Dona rita, gostaria de uma sopinha de aspargos?”. Enquanto A falava alto quase o tempo todo, B ficava muda com os olhos meio arregalados. Eu não sabia se elas eram assim mesmo ou se tinham medo de mim.

Lembrei de Hitchcock ao imaginar uma cena em que eu estaria me enxugando depois do banho e uma delas, ou as duas enfermeiras, entraria no banheiro com um vaso pesado para me matar e depois diria à minha família que caí no box, bati a cabeça e acabei batendo as botas. Bastaria que uma delas me imobilizasse (acho que uma função de B) e a outra (A com um sorriso cândido) arrancasse o cateter do oxigênio, tampasse meu nariz

com a mão esquerda e com a direita minha boca. A velha não duraria viva nem dois minutos. Crime perfeito.

O resumo

SE VOCÊ NÃO LEU MINHA PRIMEIRA AUTOBIOGRAFIA, posso fazer um resumo: é a história de uma menina tímida mas safada que passou por altos e baixos, virou uma adolescente metida no clube do bolinha do rock, foi expulsa de uma banda, começou a compor música sozinha sem saber tocar nem cantar direito, conseguiu certa evidência, encontrou o amor de sua vida, foi presa grávida na época da ditadura, ganhou projeção nacional, caiu nas drogas enquanto sua antiga família morria um a um, teve três filhos, entrou e saiu de hospícios, conseguiu sucesso e fama, teve uma neta e um neto. Hoje, já velhinha, está careta, tem pouquíssimos amigos humanos e mora numa casinha no meio do mato com seus bichos e suas plantas e é feliz para sempre. Fora o resto. *The end*.

A radioterapia

A PREPARAÇÃO PARA A RADIOTERAPIA é *sci-fi* misturado com o filme *A máscara de ferro*. Um pedaço de plástico duro com vários furos foi moldado sobre meu rosto e tórax para proteger os órgãos ao redor do pulmão das radiações. No começo, pensei que fosse morrer sufocada porque a máscara comprimia o rosto e quase não dava para respirar. O procedimento em si durava uns dez minutos, a preparação é que demorava mais. Rob me levava de carro ao hospital deitada no banco de trás de segunda a sexta, e essas viagens, que duraram um mês, acabaram virando rotina.

A rodovia Raposo Tavares até que se comportou direitinho, só em uma única vez que ficamos três horas presos no trânsito. Rob colocava Paul Horn para tocar no caminho, e eu no banco de trás ia meditando e entrando em contato com as forças de Luz.

Foram trinta sessões diárias de radioterapia, que fizeram a pele do pescoço e do tórax ficarem em carne viva, criando bolhas e feridas que coçavam feito pó de mico. E, quando chegava em casa, as enfermeiras me empapuçavam de um creme próprio para queimadura. Entrei numas de deixar de ter medo da máscara da radio e passei a tentar ser amiga dela, uma vez que seu trabalho era me proteger.

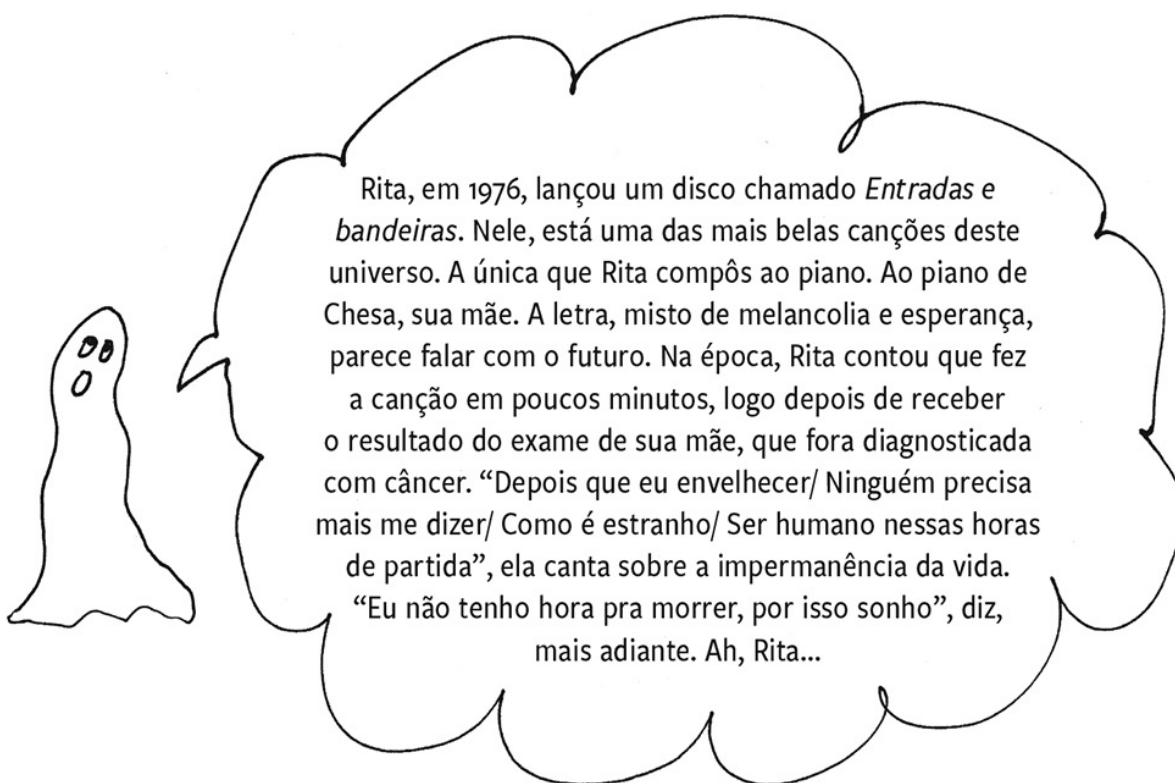
Comecei a aplicar a tática da respiração com o diafragma que me acalmava e, sinceramente agradecida, passei a chamar a máscara de Leonor. Ou seja, as sessões de radio eu tirei de letra, apesar das queimaduras em alguns órgãos internos, como no esôfago, que faziam cada engolida parecer uma agulhada na garganta.

Eu precisava ganhar peso, mas além de não ter fome, o simples fato de engolir saliva era de matar de dor. Depois passei para a segunda fase, que foi tomar nos canos os remédios da imunoterapia que levavam três horas para acabar. Lá estavam ao meu lado Juca e Rob, sempre me botando pra cima, fazendo graça, falando mal do Bozo, conversando sobre futilidades, fazendo massagem nos meus pés. A preocupação geral era de que, no meio

daquele entra e sai de médicos e enfermeiras, eu pudesse ter uma crise, daquelas quando minha cabeça inesperadamente saía fora de órbita.

No meio dos trocentos exames que pediram, fiz dois PET Scans, um do pescoço para baixo e outro da cabeça. Foi constatado que, no meu caso, a imunoterapia não estava adiantando, já que os pontos cancerígenos continuavam lá. Mas a radioterapia havia conseguido destruir os vinte centímetros de diâmetro do tumor no pulmão.

Eu teria que partir mesmo para a quimioterapia, porque haviam aparecido outros pontos do mesmo tipo de câncer na região da bacia e também no cérebro. Como minhas células cancerígenas eram chamadas "pequenas", daquelas que se formam rapidamente, mas que também somem rapidamente, a quimio seria mais indicada no combate ao câncer do que a imuno.

Voltou à cabeça minha mãe voltando da quimio vomitando a alma, exausta, com diarreia, enfim… Vi de perto aquela flor de mulher ir se encolhendo e se transformando numa criatura frágil e dolorida. Minha primeira reação foi imitar Amy Winehouse dizendo: "*No! No! No!*".

Rita, em 1976, lançou um disco chamado *Entradas e bandeiras*. Nele, está uma das mais belas canções deste universo. A única que Rita compôs ao piano. Ao piano de Chesa, sua mãe. A letra, misto de melancolia e esperança, parece falar com o futuro. Na época, Rita contou que fez a canção em poucos minutos, logo depois de receber o resultado do exame de sua mãe, que fora diagnosticada com câncer. "Depois que eu envelhecer/ Ninguém precisa mais me dizer/ Como é estranho/ Ser humano nessas horas de partida", ela canta sobre a impermanência da vida. "Eu não tenho hora pra morrer, por isso sonho", diz, mais adiante. Ah, Rita...

Depois de Rob e Juca investigarem a fundo os prós e contras da quimio para destruir as minhas tais “células pequenas”, eles me convenceram a dar um crédito ao tratamento que seria feito no hospital a cada 23 dias, em sessões que durariam três horas. Puxei o médico de canto e disse que, se o tratamento não desse certo, meu desejo era o de fazer a passagem em casa e sem dor.

Às vezes, eu pensava na sorte de estar sendo tratada por médicos e enfermeiras capacitados para ajudar na minha cura e me comparava com aqueles que não tinham esse mesmo privilégio. Daí, aparecia um lado de agradecer aos céus por ter mandado essa doença que, no fim, veio para me curar física, mental, psicológica e espiritualmente. Aquele lance que eu sempre falo: está tudo certo, até o errado está certo.

Adoro quando bate em mim um estado de graça que me faz agradecer a Deus por esses segundos de epifania e bênção existencial, uma espécie de kundalini que dura uma brisa.

Nessas alturas, já havíamos trocado três vezes a enfermeira B por motivos de segurança: para chegar em casa, no meio do mato, elas pegavam ônibus lotados, e a possibilidade de me passar algum vírus ficou mais preocupante, além de não se adaptarem muito com o jeito que eu tratava meus bichos, que fazem questão de dormir comigo.

No fim, optamos só pela presença da enfermeira A dia sim, dia não, e eu me senti menos vítima da Gestapo. Quanto à parte psicológica e às crises de pânico que tomavam minha cabeça por motivos ainda desconhecidos, minha família encontrou um psiquiatra que me pareceu sensível e não invasivo. Falava baixo, era bem jovem e não tinha nada contra minha espiritualidade. Começou substituindo tarjas pretas por remédios mais modernos e não viciantes.

Demorou um pouco para perceber que as crises, a ansiedade e a depressão deram lugar a uma calmaria, e nessas, ao pressentir uma noia invadindo a cabeça que me fazia tremer e hiperventilar, eu conseguia com muito custo lembrar de controlar a respiração e daí não tinha jeito, precisava tomar um benzodiazepínico. Às vezes dava certo, mas o pânico invadia sem aviso, parecendo destruir meus neurônios, já tão assustados pelas idas e vindas do hospital.

Mas, em grande parte das vezes, o medo pelo sofrimento que a quimio causou em minha mãe foi suplantado pelo desejo de me curar daquele câncer em homenagem a ela, como uma vingança tipo máfia siciliana.

O mal pela boca

Com tantas idas e vindas diárias do hospital, eu já estava enturmada chamando o *staff* das enfermeiras pelo nome, e fiquei tão chapa do pessoal da radioterapia que, quando acabaram os trinta procedimentos, pedi para levar Leonor, a máscara, e eles me deram de presente. Fora isso, encheram o quarto de bexigas coloridas. Fofos.

Tentei fazer fisioterapia, mas por uma razão desconhecida eu panikava no meio da sessão, e a moça ia embora sem entender nada.

Uma madrugada que não conseguia dormir, senti uma espécie de catarro no peito, desses que parecem cola, e fiquei aflita tossindo para tentar eliminá-lo e respirar melhor. De repente me engasguei e foi quando expeli pela boca uma "carne" parecida com frango cru; não era catarro, não se desfazia, não tinha cheiro, simplesmente pulou no lenço na minha mão e grudou lá. Tirei foto e coloquei o pedaço dentro de um copo com água. Fato é que depois de expelir aquela "coisa-cadáver" consegui dar uma respirada longa como se tivesse me desafogado de uma areia movediça, tamanho alívio.

O milagre é que não voltei a tossir mais e consegui inspirar uma generosa quantidade de oxigênio pela primeira vez em anos. A partir

dali, me dei alta do cateter, que, se bobear, a gente fica viciada nele — ainda mais eu, que sou uma pessoa fácil de se viciar.

Entrei numas de achar que desovei pela boca um mal materializado que atrapalhava minha respiração. *You may say I'm a dreamer* e coisa e tal; se tentasse explicar aquela minha teoria para um médico ele iria bocejar ou me mandar para um hospício.

A vontade

Já em casa, de vez em quando, sentada na varanda onde costumava fumar, bate uma larica de tabaco, e eu tenho que segurar minha cobra com a mente, algo mui difícil de desprogramar. Pavlov explica. O primeiro cigarro do dia! Os outros são a mera procura da sensação do trago inicial. Dizem que largar o vício do fumo faz a pessoa engordar, mas comigo até agora isso não aconteceu porque a radioterapia emagrece pra caramba.

Eu me imaginava parecendo aquela figura cadavérica que apresentava a série *Tales from the Crypt*.[2] Precisava me alimentar de três em três horas, mas fome que é bom, nada. Apesar de sentir melhor o gosto da comida, ainda não era o suficiente para sentir prazer em comer. Enfermeira A vinha oferecer suco, fruta, sopa, chá, e eu, sem nenhuma vontade, enfiava goela abaixo e agradecia seu sorriso cândido. Tentei assistir TV, mas deu desespero entrar em contato com o que acontecia no Brasil e no mundo. Não conseguia ler, a atenção se perdia em poucos segundos. Tentei pintar, fazer tricô, escrever, arrumar gavetas, mas a função durava não mais que um suspiro de desânimo.

Paralelamente à pandemia pandemoníaca — que levava embora amigos, parentes, artistas —, em vez de covid, eu estava com câncer e teria que engolir o preconceito e aceitar a ceifadora Cruela Cruel da quimioterapia.

O fato de ter conseguido não fumar durante aqueles dias levantou minha autoestima e me fez gostar mais de mim, mas quando batia do nada aquela vontade de dar um trago, eu imediatamente me lembrava da raiva que sentia quando alguém me contava que tinha largado o cigarro com facilidade.

No fundo, no fundo, uma fumante inveterada feito eu se aborrece com discursos xiitas antitabagistas de gente que nunca nem sequer pôs um cigarro na boca. Em casa, Juca sacava no ato quando a mãe estava na fissura e sempre me favorecia com balinhas. É claro, fiquei viciada nelas.

Nota

2 *Contos da cripta*, série de terror estadunidense que foi ao ar de 1989 a 1996. [««]

O caroço

CERTA VEZ, ME DESPIA PARA O BANHO quando enfermeira A notou um caroço do tamanho de uma bola de gude perto da minha costela direita. O médico examinou e pediu um PET Scan. Foi então que se constatou que, além do caroço na barriga, eu tinha mais pontos pelo corpo do mesmo tipo de câncer.

Esse caroço era o maior de todos os encontrados, e a cada consulta dr. Óren media seu crescimento. Passamos a chamar o quisto cancerígeno de Jair, em homenagem ao maior inimigo do Brasil no momento. A ideia era que só a quimio daria conta. Os outros pontos eram menores que Jair, então se conseguíssemos o impeachment dele, os "filhos" também sumiriam do mapa. Isso me fez levar a sério a quimio, e passei a invocar força para os soldados da Luz curadora que enfrentariam os inimigos mocozeados dentro de mim.

— Doutor, é certeza que os efeitos colaterais da quimio são aqueles que a gente conhece, tipo enjoo, vômito, perda de cabelo, sangramento de gengiva, aftas e mais outros conforme a resposta do paciente? — perguntei eu.

— Provavelmente, sim — respondeu ele, sem desviar os olhos.

Diante da resposta franca e de não existir outra saída, marcamos o dia da primeira dose.

Não preciso dizer que passei praticamente todos os dias anteriores à primeira sessão tendo crises de pânico, assustada com a aproximação da quimio. Mesmo tentando mudar o vetor, eu sempre acabava visualizando a figura da minha mãe já no fim da vida se recusando a tomar morfina para a dor, sua aparência de uma flor cada vez mais murcha e amarronzada. Também imaginava cenas de doentes entubados vegetando e que ninguém desligava os aparelhos dos coitados para eles terem uma morte digna. Pela minha família e meus amigos, eu mais uma vez aceitei fazer quimio, assim como uma pobre vaca caminha para o matadouro.

A bonequinha de luxo

EM CASA, A VIDA ERA UM ÓCIO, um ócio criativo, mas preguiçoso. Minha ansiedade para retornar a escrever, ler, ver TV e levar uma vida como se nada houvesse não durava muito na bonança porque logo vinha a tempestade de um pânico, o que fazia que Rob, Juca e enfermeira A viessem me socorrer. Quando passava a crise, eu morria de vergonha por ter me mostrado tão descontrolada.

Por outro lado, aquela paparicação com que me tratavam o dia inteiro me fazia me sentir uma bonequinha de luxo, e eu já estava me tornando uma pequena tirana: “Estou com sede”, e lá vinham todos trazendo suco e água; “Estou cansada”, e aparecia uma cadeira com travesseiros fofos e macios; “Estou com frio”, e uma manta macia embrulhava meus ombros.

Todo aquele cuidado inédito da minha família para comigo me fez aos poucos concluir que eu realmente era querida por ela e que por isso faria de tudo para que fosse curada.

A quimio

Depois de alguns ataques de pânico com visões infernais, eis que chegou o dia de tomar nos canos o primeiro coquetel de quimio. Fui pesada para calcularem a dosagem dos químicos que seriam ministrados: 38 quilos. Não sei como, mas tinha conseguido engordar um quilo. Foi uma festa para minha família, e os médicos afirmaram que quanto mais eu engordasse, mais cedo os pontos de câncer espalhados pelo meu corpo iriam sumir.

Como Jair era o tumor mais visível, pouco abaixo da costela direita, dr. Óren o tomou como modelo para acompanhar se os tumores filhotes cresciam ou diminuíam de tamanho. Jair se formara em apenas duas semanas. Minhas células cancerígenas realmente trabalhavam rápido.

Tive várias crises pensando em como seria se tivesse todos os efeitos colaterais descritos nos panfletos que entregavam na oncologia. Me imaginei com náuseas ou vômitos que me fariam sentir à beira da morte por asfixia; cagando e mijando sem controle nas fraldas geriátricas; com as gengivas sangrando; e pensei em chumaços do meu cabelo entupindo o ralo do chuveiro, entre outras cenas de horror.

Até que escrevi na porta de um banheiro do hospital:

"Foda-se, o que vier eu traço."

Finamente chegou o dia do primeiro ciclo de três dias seguidos de quimio; quinta, sexta e sábado. Rob, Juca e enfermeira A me acompanharam até o quarto onde receberia o tratamento, o que me deixou menos tensa. Houve um entra e sai de enfermeiras/os na pré-preparação do acesso, e tomei a primeira dose de um remédio contra enjoos. Depois, penduraram uma bolsa conta-gotas com uma pauleira química que durou duas horas. Saí de lá meio zonza, mas o restante do dia só apresentei um pequeno cansaço.

O enfermeiro que faria o acesso, Washington, era conhecido por ter mãos de fada, e nem senti a picada. Então um nutricionista bem jovem, especializado em oncologia, entrou no quarto. Ele era bom de papo e cabeça aberta, e não poupou sugestões de guloseimas para me fazer

engordar e ainda sentir prazer em comer. Logo a seguir veio a dentista, que fazia aplicações de laser na boca para evitar problemas gengivais causados pela quimio.

Só sei dizer que cada profissional que entrou no quarto naquele dia, além da simpatia e competência, me fez sentir que estava entre amigos, e eu nem vi o tempo passar. E ainda ganhei um picolé de limão — assim como ao final das outras sessões.

Um passatempo que passou a existir foi a família volta e meia vir inspecionar se Jair crescia ou diminuía, e os papos eram politicamente metafóricos: “Acho que Jair está perdendo o poder” ou “Jair logo, logo vai ser impichado” ou “Antes do fim do ano, Jair vai sumir do mapa”.

No segundo dia da quimio, as infusões levaram mais tempo porque adicionaram uma droga nova misteriosa — os tubos e a bolsa de onde pingava o medicamento estavam camuflados. O elenco dos meus “oncolegas” voltou a me visitar e a ajudar a passar o tempo. De volta em casa, tinha medo de aparecer algum dos efeitos colaterais, mas eu não senti nada, exceto um pequeno cansaço à noite. Durante o dia me esforçava para caminhar, fazia exercícios de equilíbrio ou tentava trabalhar os músculos com micropesinhos. Depois de passar cinquenta anos me chacoalhando no palco e perdendo um quilo e meio por show, lá estava eu, uma caveirinha, tentando andar pela sala sem cair. Patético.

A enfermeira

NOSSA CASA FICOU MENOS "CRAUDI" com a conclusão de que a enfermeira A era suficiente para me dar um help, e ela, além de ser mais atenta, já estava mergulhada no universo da família Lee/Carvalho.

Todos levantavam tipo oito da manhã, e só eu de olhos abertos, meditando na cama desde as quatro e meia, preparando a ida ao hospital. Ninguém estressado, todos continuavam me dando força.

Quando o clima de cuidados dava uma pequena trégua, papo vai, papo vem, convenci enfermeira A a adotar um gato preto micro, e ela e sua família já caíram de boca. Na época em que fiquei internada no hospital, não tinha nenhuma roupa para trocar, afinal na minha cabeça eu voltaria para casa no mesmo dia. Enfermeira A foi até lá e levou então algumas roupas de sua filha, que vestia o mesmo tamanho que eu. Fofa. Me salvaram de ficar me sentindo suja e doente.

Eu passava praticamente o dia todo deixando minha cabeça solta, pensando em como seria minha vida dali para a frente. A família sobrevivia à pandemia fazendo trabalhos caseiros de formiguinha e também aproveitava a solidão para desenvolver seus projetos pessoais. Juca produziu uma homenagem aos pais com três álbuns de remixes de nossos hits mais conhecidos e, como os DJS brasileiros e estrangeiros que ele convidou eram todos profissionais da pesada, tinham toda a parafernália eletrônica necessária para realizar o projeto em casa, porque também estavam isolados do mundo. O resultado foi um trabalho inusitado, chique e dançante, e não vejo a hora de ouvir os remixes nas pistas para a garotada soltar a franga e eu talvez aprender o "quadradrinho" da dança da Anitta feito especialmente para a bunda ser o centro das atenções. Eu nunca tive uma bunda generosa, mas essa dancinha eu tenho que tentar.

Beto estava com a turnê CeLEEbration com data marcada para estrear e a maldita pandemoníaca cortou o barato, agora deve acontecer mais para o fim de 2021 ou começo de 2022. Tui aproveitou o isolamento para adiantar

os trabalhos de pintura da exposição coletiva que está organizando, unindo dois ou mais artistas plásticos para desenvolverem uma ideia juntos.

Rob e eu temos músicas inéditas na manga para lançar a qualquer momento. Enfim, basta essa praga de vírus baixar a bola para que os Lee/Carvalho entrem em cena tipo Exterminadores do Baixo-Astral. *We'll be back!*

Meu ciclo circadiano havia mudado, e meus horários ficaram ainda mais esquisitos. Depois de acordar de madrugada, tomava remédios, comia meia papaia e um shake de proteínas e calorias sabor morango. Vinha a primeira inalação do dia com soro e um remedinho. Feito isso, enfermeira A aplicava a tapotagem para ajudar a descolar o catarro dos brônquios.

Dependendo da temperatura, me sento na varanda e, em vez de fumar como fazia antes, dei para meditabundar tomando um pouco de sol enquanto meus bichinhos correm atrás dos saguis, das borboletas e dos passarinhos na hora das bananas. Depois chega o momento de dar um passeio descalça, sentindo os pés no meu elemento Terra acompanhada por Nino, Neguinha e Saci.

O ponto alto era o encontro com os jabutis, que faziam Saci congelar de medo — ele deve achar que jabutis são minidinossauros. Então alimentar as carpas; conversar e abraçar Luisa, a árvore majestade que supervisiona as plantas do jardim; dar uma espiada na horta, maltratada pelo frio que queimou as plantas mais frágeis; chupar uma bala para tapear a vontade de fumar. Durante as Olimpíadas de 2022, acompanhei os jogos desde a madrugada, torcendo para o Brasil aparecer bem na fita, o que acabou acontecendo pra valer na Paralimpíada. Fiquei fã do medalhista Gabriel, que sem braços e pernas nadava como golfinho; me emocionei muito com ele.

Eu passava o dia todo nesta mesma rotina: remédio, inalação, tapotagem, meditação, passeio no jardim, remédio, exercícios respiratórios, remédio, lanche, shake de proteína, inalação, tapotagem, pintura, remédio, reunião de trabalho, separar os figurinos e as peças para a expo…

A careca

PASSADOS OS 23 DIAS, voltei ao hospital para o segundo ciclo de quimio, que foi praticamente igual ao primeiro, só que o picolé dessa vez foi de coco. E mais uma vez continuei sem sentir nada, apenas notei que meu cabelo estava caindo mais que o normal. Para fugir daquela cena manjada de passar a mão na cabeça e tirar tufos inteiros de cabelo — além de entupir o ralo —, resolvi não dar esse gostinho para o previsível e passei máquina zero, encarando a feiura de parecer uma vampira. Com cabelo eu parecia mais com minha mãe, careca fiquei a cara do meu pai.

Na frente do espelho vejo uma velha à beira do leito de morte, esquelética, despelada e frágil, que se durasse um mês seria muito. Longe do espelho, era uma delícia, pois um *côté* masculino, mais prático, vinha à tona. Dane-se o visual, entrar no chuveiro e receber uma cachoeira de água quente na cabeça e cerimoniais de cura com ervas, esse prazer era impagável, e eu secava a cabeça em um minuto com a toalha.

Na ala da quimio, perguntei para uma enfermeira negra, alta e bonita, com uma megacabeleira trançada, se ela poderia me ensinar a colocar um turbante e se eu estaria me apropriando culturalmente ao fazer isso. Ela riu e falou:

— Ah, você pode!

Fofa.

Como não controlamos nada, fiquei careca nesta encarnação mesmo.

A coisa

As crises de pânico ficaram bem mais espaçadas, e levava menos tempo para eu voltar a mim. No segundo ciclo da quimio, fui ao banheiro fazer o número dois e qual não foi meu espanto quando fui me lavar e senti algo pendurado no meu cu que não era cocô. Com nojo, usando papel higiênico puxei e a coisa foi saindo. Digo “coisa” porque era uma espécie de tripa cor de carne crua com mais ou menos dez centímetros de comprimento. Levei um susto porque o troço parecia um alien. Eu deveria ter tirado uma foto, mas fiquei chocada demais para ter essa ideia e acabei jogando a coisa no vaso e dando descarga.

Na minha cabeça, tive a impressão de que o “mal” tinha se materializado e desistido de me devorar. Nem mencionei o fato aos médicos porque a “tripa” era obra dos espíritos da Luz da cura. Continuei sem nenhuma reação à quimio, diferentemente de conhecidos oncolegas que estavam na mesma trip de câncer que eu.

Às vezes batia certo desespero quando me via dependente de outras pessoas para fazer coisas que sempre fiz sozinha, tipo ir ao banheiro ou descer escada. Tinha a sensação de estar em handicap, invejava quem estava com a saúde nos trinques e me sentia condenada a logo mais morrer de câncer, essa doença maldita que acredito não ter cura. Achava que fosse morrer amaldiçoada na explosão de um avião, ou atropelada por um caminhão, ou levando um tiro pelas costas de algum policial, ou de um apagão no coração, uma morte mais pomposa, mas morrer de câncer não combina comigo.

Algo me diz que tenho escrito muito sobre morte. Aliás, por que há tanta gente que até se benze quando tocamos no assunto? A morte é a única verdade, e cada dia a mais vivido é um dia a menos que se vive. Pra quê fazer tanta cara de enterro quando deveríamos tratar dela com humor? Desta vida não escaparemos com vida.

Tenho certa implicância com cemitérios. Lá, até há monumentos bonitos e rola uma paz em meio aos monólitos de cimento e anjos de mármore em

respeito aos mortos. Mas acho que túmulos ocupam o lugar de pessoas vivas, e que cemitérios poderiam virar parques e praças, quem sabe até mesmo moradias. Por isso, quero ser cremada e ter as cinzas jogadas na minha horta caseira sem agrotóxicos para me transformar numa alface suculenta.

A verdade é que eu queria mesmo é ser abduzida por um disco voador e sumir sem maiores explicações.

Certeza de que a cultura indígena conhece uma planta sagrada que cura câncer, mas que a máfia das indústrias farmacêuticas vem sabotando há séculos… Comigo, a quimioterapia funcionava ao fazer com que os pontos cancerígenos do meu corpo desaparecerem mais rápido, mas convenhamos que o procedimento todo é ainda da "Idade Mérdia". Fico imaginando e pedindo que a tecnologia de cura dos mestres de Luz do Universo interfira na saúde física de um doente quando está escrito nas páginas de seu destino. É o que chamamos de milagre.

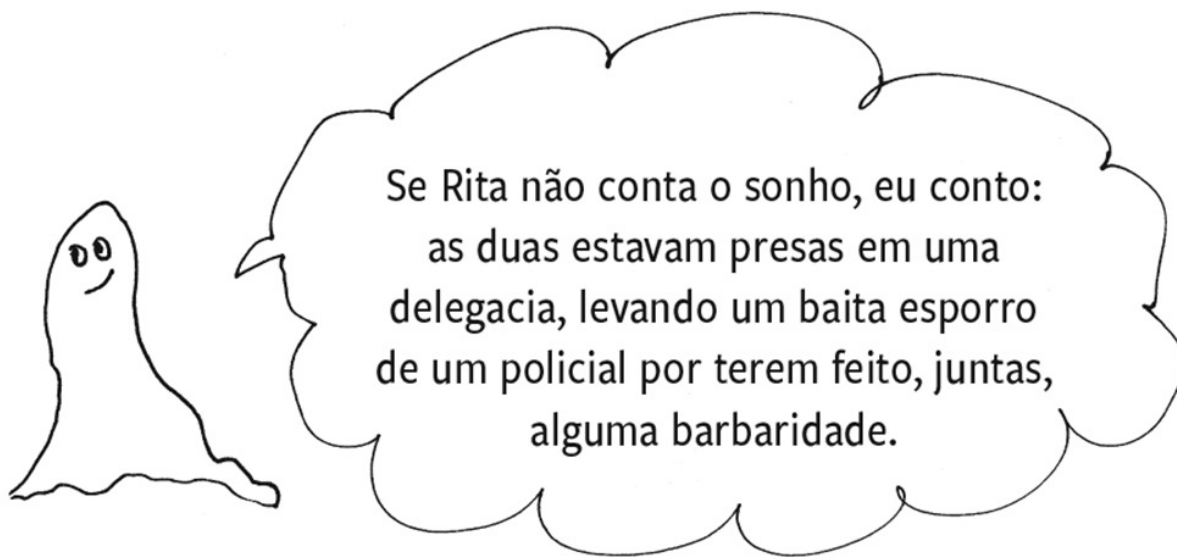
Em certos momentos, batia uma vontade de estar viva para ver realizados os projetos de cada um dos meus filhos e netos. Eu queria ver a pandemia controlada, a Amazônia e o Pantanal desabrochando bonito, nossa Nave Mãe Terra livre do aquecimento global, a independência, além do total respeito dos humanos com os animais… eu queria que o meu samsara, meu ciclo de encarnações, terminasse de vez.

Adendo oração

Há uma linda oração de um mestre tibetano, que nunca esqueci e rezo todos os dias chamada "A Grande Invocação":

> Do ponto de Luz na mente de Deus, que flua Luz à mente dos homens, que a Luz desça à Terra.
>
> Do ponto de Amor no coração de Deus, que flua Amor ao coração dos homens, que Cristo retorne à Terra.
>
> Do centro onde a vontade de Deus é conhecida, que o Propósito guie as pequenas vontades dos homens, o Propósito que os mestres conhecem e servem.
>
> Do centro a que chamamos a raça dos homens, que se realize o Plano de Amor e de Luz e feche a porta onde se encontra o mal.
>
> Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano Divino sobre a Terra.

A cadeira de rodas

Em casa, estabelecemos uma rotina e a vida seguia. A gracinha desgraçada desta semana é que estou com bronquite e meu peito chia. Faço inalação de três em três horas, depois Rob faz a tapotagem, que me instiga a liberar catarros nojentos pela boca bem na frente do namorado. Já falei para Rob me botar numa casa de repouso para que não veja mais cenas escatológicas da mãe dos filhos dele. Meus horários estão caóticos, vou dormir meia-noite e acordo às quatro e meia, com a algazarra das maritacas. Desço e vejo o nascer do sol, faço café descafeinado e subo de volta ao quarto munida do meu velho e bom Ipad. Escrevo poucas linhas porque quando acordo as ideias do sonho que me inspiraram somem num instante. Hoje, sonhei com Fernanda Young.

Por falar nisso, lembrei de um sonho, que se passava nos anos 1940. Lá estava eu, numa festa no Copacabana Palace, rodeada de celebridades da época, todas meio blasées, usando figurinos deslumbrantes. Entre confetes e serpentinas, eu cruzava absolutamente deslumbrada com artistas de rádio e cinema. Por mais que tentasse entrar na folia e me deixar levar ao encontro

de astros e estrelas, sabia que minha missão era avisar que eu vinha do futuro e que aconteceria uma tragédia em 11 de setembro de 2001 que mudaria o mundo.

Carmen Miranda foi atenciosa, me tratou como uma convidada meio confusa, ofereceu champanhe e disse para aproveitar a festa. Também tentei avisar Noel Rosa, que me deu um cigarro e falou para não me preocupar com coisas que só iriam acontecer dali tantos anos. Passei a festa toda entre me encantar com o desfile de todos aqueles artistas e a ingrata obrigação de lhes contar o segredo que sabia. Uma hora lá, entreguei a Deus, cheirei lança-perfume e fui dançar com Aracy de Almeida. Passei o resto do sonho me deliciando por estar no meio de *beautiful people* vintage brazuquês.

A alegria dos personagens me fez esquecer do Onze de Setembro. Acordei com a sensação de ter participado de uma farra chique onde não havia lugar para baixo-astral futurista. A atividade física que eu mais gosto é dormir.

Voltando à minha rotina, lá pelas dez da manhã ainda tento tirar uma soneca, mas como nada acontece, saio da cama, tomo banho, já que agora, careca, é só passar toalha na cabeça que seca na hora. E depois de velha dei para usar uns cremes no rosto e no corpo. O sono não vem, desço e dou papá para meus filhos de quatro patas, e depois vamos todos dar um giro pelo jardim.

Tive que colocar uns alarmes no relógio de pulso para me lembrar de tomar remédio na hora certa nas folgas da enfermeira. Chato é, além do tempo louco que muda muito e de não poder tomar sol de corpo inteiro por conta do câncer de pele, então me satisfaço em tomar vitamina D pela sola dos pés. Cinco minutos depois, chega um ventinho frio e sou obrigada a entrar em casa para não piorar a bronquite.

Onze horas Rob acorda e vem fazer festinha, nunca vi alguém acordar com o humor lá pra cima como ele, todo dia desce a escada cantando e dançando. Tento cochilar à tarde, mas não consigo parar os pensamentos, e é nessas que pode surgir do fundo dos infernos um indesejável “pânico crepuscular” que me tira do caminho da Luz Divina e me faz entrar de supetão naquele estado de “Meu Deus, estou com câncer, uma doença que pode ter cura por um tempo, mas tende a voltar em qualquer outro lugar do corpo”, e isso me deixa aflita.

E no planeta a pandemia correndo solta, o Bozonazi e sua Gestapo despertando em muita gente os desejos mais primitivos de cortar suas

cabeças com a Excalibur.

Cada subida ou descida nas escadas de casa era um desafio. Não demorou para que eu começasse a sentir um cansaço, mesmo andando a passos lentos. Sempre que ficava em pé, minha cabeça sintonizava um histérico carrossel de imagens, cada vez mais alucinante, que congelava meus neurônios, e então eu tinha que me sentar onde fosse para apagar por uns segundos. Para as tonturas, me disseram que era labirintite, existe um remedinho. Mais um comprimido junto de outros tantos.

Pensando nessa situação desagradável, Rob veio cheio de dedos com a ideia de uma cadeira de rodas. O céu se abriu concordando, a enfermeira A lembrou que uma colega sua estava doando uma cadeira de rodas, e foi assim que virei cadeirante.

Em menos de dez dias a expo vai estrear. Nem bem os remixes saíram e Juca emendou como curador. Na direção artística está o meu melhor amigo/filho, editor, jornalista, escritor, fotógrafo e maior estudioso do meu legado musical, Guilherme Samora.

A exposição é baseada no meu baú, no qual guardo quase todos os figurinos das turnês, dos clipes, dos shows, enfim, sou uma acumuladora. Meus anjos colaboradores trabalham noite e dia para ela ficar pronta. Estou contando com colaboradores de peso, como a produtora Dançar, que contratou o famoso multiartista e meu carnavalesco predileto Chico Spinosa, estilista de longa data de looks inesquecíveis. Afinal, só ele poderia ressuscitar algumas peças que já estavam caídas.

Fiquei torcendo para que aquele evento proporcionasse divertimento às pessoas que passaram meses e meses trancafiadas em casa, proibidas de frequentar os pequenos prazeres que Sampa sempre proporcionou. Uma exposição colorida e cheia de histórias para o povo desfrutar viria bem a calhar.

Também temos pela frente o lançamento de uma música inédita com uma história muito louca. Rob gravou uma demo dela e me deu para fazer a letra. Geralmente suas músicas são meio cinematográficas, e só de ouvir a melodia as frases chegam prontas no ouvido, como num sopro. Só que dessa vez as palavras vieram em inglês, e eu deixei rolar para ver aonde aquilo ia dar. Mas, para meu espanto, o refrão veio em francês. Mostrei para Rob, que disse para tentar fazer em português, que em inglês e francês as pessoas não iam gostar etc. e tal.

O lance é que em português o papo ficava amargo, triste, pra baixo, falava de mortes, de políticos escrotos, ou seja, parecia linguagem de tuítes raivosos; o santo brazuca estava puto e adotou o discurso dos descontentes, as frases, palavras e os palavrões que todo revoltadinho das redes sociais usa, botando o Brasil pra baixo. Para ter isso bastava lembrar das mesmices que o povo diz sem papas na língua. Em inglês e francês, a música ficava pra cima, mais sofisticada, virou uma *world music*.

Ainda mais com o trato na produção feito pelo DJ Gui Boratto, a música virou um convite irrecusável para dançar, atropelando o baixo-astral que havia tomado conta dos bailes da vida. Através das redes você pode sintonizar a música e rebolar no banho. “Change” é uma sugestão para sair da sofrência e mergulhar na dança do desbum, que é muito mais Brasil.

O turbante

E DEPOIS DE TODO ESSE TEMPO, ainda podemos dizer que ninguém sabe nada sobre o coronavírus. Estou cansada de chutes dos tais especialistas, que um dia dizem uma coisa e no outro desdizem na cara dura. Como estou em pleno tratamento de câncer, o conselho dos especialistas afirma que é super hiperimportante tomar a terceira dose de uma vacina diferente das duas primeiras doses. A história da vacina no Brasil está igual ao samba do presidento doido. Se eu abrir o portal de informações, vou xingar sobre a forma que o desgoverno vem tratando as vacinas, parece até um capítulo dos *Trapalhões*, e não sei se choro ou se debocho.

Quando chego ao hospital de carro, uma equipe já me espera com cadeira de rodas, cobertor e simpatia. Pelos corredores até o quarto da quimio, cruzo com oncolegas na mesma situação que a minha e nos cumprimentamos cúmplices.

Outro dia, já quase na sala da quimio, vi no corredor um cabideiro grande e, em cada gancho, uma espécie de cartola que parecia coisa de circo. Perguntei o que era, e a enfermeira disse que alguns oncolegas ficavam deprê, beirando o desespero quando o cabelo começava a cair, daí essas cartolas congelavam o couro cabeludo e seguravam a queda. A peça parecia um capacete dos *Flintstones*, ou um secador dos anos 1950. Um ET vendo alguém com aquele treco iria gargalhar diante da precariedade da nossa medicina. E as cartolas ainda tinham umas anteninhas, que deixavam a pessoa com um look Chapolin.

Ser careca é adotar diferentes hábitos, outros eus dentro de mim, uma pessoa dentro do nosso ego inferior que é a gente mesmo. O mais transformador foi, sem dúvida, ficar pela primeira vez desde que nasci sem franja, que é a mesma sensação de estar pelada no meio da avenida Paulista e todos rirem de mim.

Quando eu tinha meus vinte e poucos anos, pensei em raspar a cabeça, mas a família me fez trocar a ideia por umas aulas de desenho na FAAP e eu topei. Outro dia fui tomar banho e me deparei comigo pelada na frente do

espelho e enxerguei uma franga depenada, perninhas de graveto, pele amarelada da radio, coxas drapeadas, ou seja, uma galinha velha que nem bom caldo daria. Contando assim parece engraçado, mas não é fácil estar naquele look aniquilador de autoestima.

Como estou trabalhando para me transformar numa velhinha fofa, procuro todo dia adotar uma personagem esquisita, tipo uma baronesa exótica que não abre mão de uma leve maquiagem para dar um up no esqueleto.

Usar turbante à la Simone de Beauvoir com um broche grande na frente era imprescindível e, como não fumo mais, adotaria uma bengala para respeitarem meus cabelos brancos. Gui já me deu um monte de broches grandes para enfeitar os turbantes. Fico bem de perua intelectual. Poderia também usar um lenço e um vestido simples de camponesa, me transformando numa mulher da roça que não liga muito para a aparência. Minha mãe certamente haveria de sonhar com a caçula entrando para um convento de carmelitas usando um hábito. Por outro lado, longe do espelho, ao passar a mão na cabeça, gostaria de usar o figurino de um rapaz dos anos 1930, com calça larga, suspensórios, chapéu ou boina, gravata-borboleta talvez.

Rob confirmou que quando eu tinha cabelo era parecida com minha mãe e que careca sou igual a meu pai. Minha persona masculina tem um quê de Sartre, fala pouco, é discreta e meio cegueta, mais na dela, sentada numa poltrona meio puída devorando livros. Já meu quê Beauvoir tem a leveza de ser sempre uma persona grata e um cabelo que não lhe faz falta: ela adora seus turbantes.

Os livros

Estou tão feliz porque finalmente voltei a ler. Um tempo atrás eu queria doar todos os meus livros, eram muitos e tinha de tudo. Passei dois dias empilhando os trocentos exemplares num quartinho que tenho no quintal de casa e que agora não dá para entrar de tão entupido. Rob também me deu de presente um Kindle, que é ótimo, embora manusear um livro e cheirar suas páginas não tenha preço. Vou garimpar os livros tesouros favoritos e doar os que são tolinhos.

Estou em casa aguardando a vacina de reforço. Todos os meus médicos foram unânimes com relação à terceira dose para idosos, e a indicada foi a Pfizer. Agora resta saber se ainda haverá tal vacina quando chegar minha vez. Como eu já disse numa música:

Computador e sem puta dor
O vírus vai atacar
Bate uma larica existencial
Mamãe eu quero mamar

Vivo com medo de morrer
Morro de medo de viver
O Brasil é tão louco
Outro dia mesmo a gente quase que,
quase explodiu
O sol saiu, o vento é a favor
Mas meu barquinho é do contra
A mão que afaga é da mãe que afoga
Help! Ó mãe gentil
Help! Quem me pariu
Help! Quero minha alma de volta!

Vivemos num país patafísico.

O tabu

ENQUANTO ISSO, LÁ EM CASA a vidinha de deficiente dependente continuava, toda hora a chatice de um medicamento pra isso, pra aquilo… sei que o meu xixi tinha cheiro de Chernobyl.

Quando você fala que está com câncer, a pessoa geralmente fica séria e não sabe o que dizer; eu também agia assim. Ainda é uma doença tabu porque no passado o tratamento era uma câmara de tortura e muitos morriam com dores lancinantes que nem um litro de morfina por segundo seguraria a barra. Não tive nenhum dos efeitos colaterais do tratamento, a não ser a queda de cabelo. O que ninguém comenta abertamente é a vergonhosa flatulência que vem quando você menos espera. Para não ficar um climão, já me denuncio: “Fui eu, acabei de soltar um pum”.

Com o tratamento, notamos que Jair ia diminuindo, o que significava que estava dando certo, mas ainda faltavam mais quatro sessões e uma batelada de exames para saber com certeza se o último tumor no cérebro e no quadril também haviam zerado.

Isso significava que passaria o ano todo por conta de derrotar os Jaires, mas, se por acaso aparecesse outro de la famiglia, iria para o brejo e a boiada esmagaria a parentada toda.

Minha família e meus amigos me mimavam, me tratando como rainha. Juca e Rob me acompanhavam nas sessões de quimio, aguentando as três horas de agulha no meu braço. Confesso que não esperava tamanho cuidado por parte do meu harém masculino e, como já mencionei, estou a cada dia mais tirana, mandando e desmandando favores, comida, inalações etc.

A larica de cigarro ainda me faz chupar bala o dia inteiro, mas pacto é pacto. Às vezes bate uma deprê, uma angústia, uma melancolia captada pela minha antena paradiabólica e preciso ficar embaixo de uma cabaninha feita de lençol, debaixo da cama ou dentro de um armário. Outras vezes recebo uma entidade, quando a cantora careca acredita que salvará o planeta do anticristo. Pouco a pouco, começava a recuperar minha porralouquice existencial.

O apetite está voltando aos poucos, e com ele a surpresa inédita de dar preferência aos doces, o que não é das melhores dietas, mas tem me feito ganhar peso. Aquele negócio de “todo remédio que me cura tem contraindicação”. Apesar de ter engordado, ao me ver pelada no espelho continuo parecendo uma franguinha. Em compensação, quando entro no chuveiro, agradeço o Plano Divino por estar naquele lugar; fico me imaginando debaixo de uma cachoeira. Ao sair da frente do espelho, me sinto mais serelepe, passo a mão na careca e cantarolo “é dos carecas que elas gostam mais”.

A carboplatina

QUANDO DIGO QUE ME DEI CONTA DE ESTAR VELHA, falo não apenas da aparência, mas principalmente da existência em si. Estou vivendo uma fase especial, cheia de perguntas, e tenho a sensação de estar grávida, de me autoparir feito cobra quando abandona a pele antiga e outra renasce ainda mais poderosa.

Vencer um câncer exige foco, coragem e fé e, se conseguir ter bom humor, melhor ainda. Demorei mais ou menos um mês para sacar que a cura estava na minha mente e que, além de tudo, era cuidada por médicos conceituados, com a sorte de ter condições de ser monitorada pelos melhores oncologistas que há, num hospital de ponta onde pari meus três filhos e fiz trocentas cirurgias, desde retirar a vesícula até colocar um pino de titânio no maxilar direito. Fora o resto.

Teve um dia que lá estava eu com uma agulha nos canos, me quimiotizando, quando bateu a vontade de fazer cocô e, posso dizer, que foi bizarro me sentar no trono ao mesmo tempo que estava atrelada a um saco plástico com um conta-gotas pingando; enquanto um saía, o outro entrava.

Como já comentei, há uma bolsa de quimio diferente e misteriosa que não pode ficar sem uma “proteção” alaranjada ao redor senão perde o efeito. Até o nome da poção é interessante: carboplatina.

Continuo não apresentando nenhuma das reações da quimio, como enjoo, vômito, diarreia, sangramento na gengiva, prisão de ventre… a lista é longa. Cá pra nós, se bem conheço o efeito de algumas drogas, algo me diz que a tal da carboplatina dá barato, um barato elegante, que inspira meu amor para tudo e para todos, e parece quando a gente está de pileque fazendo declarações por aí.

Depois da carboplatina e já em casa, a sensação é de ter fumado uma trouxinha de skunk e estar pronta para subir no palco e fazer um stand-up. Às quintas e aos sábados, a quimio é mais *take it easy*, digamos assim, mas sexta chegava a ser um prazer. Será que o barato só acontece comigo ou

meus oncolegas ainda não se tocaram? Agora a palavra “sextou” tem outro significado para mim.

Desconfio que enfermeira A esteja virando meio um Zelig meu, e eu o dela. Além de ter adotado o gatinho preto, cortou o cabelo bem curtinho e diz que vai deixar branco. Já está entendendo meus humores de falar bizarrices sozinha ou com meus bichos, além disso suas mãos são fortes e ela faz uma massagem divina nos pés. Como estou esquelética, minhas calcinhas estão todas folgadas, então ganhei de A calcinhas tamanho extra small.

Eu meio que a catequizei sobre discos voadores, arcanjos, mestres do Plano de Luz e expliquei os benefícios do óleo de cannabis. Será que é por isso que não tenho reação à quimio?

O Brasil sai perdendo diante da possibilidade de ser um grande exportador de produtos à base de cannabis. Temos apenas um laboratório que fabrica o óleo, chamado Abrace Esperança, na Paraíba. A Anvisa volta e meia vem com um papo de fechar o lugar, imaginando que é tudo para liberar cannabis para recreação, o que não é verdade, pois o trabalho da organização é estritamente produzir óleos medicinais que atuam positivamente em inúmeras reações dolorosas para quem já testou, sem efeito, todas as alopatias que existem por aí. A demanda é grande, e tem ótimos resultados porque é uma planta sagrada que Deus colocou na Terra, mas os sapiens dizem ser diabólica. Olha só a audácia de acreditarem que “o Criador errou” e os religiosos políticos estão certos. Haja ego nessa gente.

Ficar careca é muito louco, por força de hábito volta e meia passo os dedos para arrumar uma franja-fantasma. Minha cabeça sem cabelo é micra, e tenho um amassado no cocuruto. Esquelética e careca, minha figura se assemelha a um palito de fósforo. Na verdade, mais que tudo, pareço o personagem daquele filme *noir* de terror dos anos 1920 (não lembro o nome) que mostra a sombra de um Drácula careca e com mãos esqueléticas prestes a atacar uma vítima. Como já comentei, é a primeira vez na vida que fico sem franja, me sinto nua.

Fico mais preocupada vendo Rob, Juca, Tui e Beto sendo emocionalmente atingidos por conta da minha doença, mas eles seguem firmes me dando colinho e me enchendo de mimos. Já avisei que desse jeito vou ficar mal-acostumada. Beto continua com o FaceTime todas as manhãs, e Tui arrasando nas suas telas e cuidando de Arthur. O combinado foi

supervisionar se os tumores no cérebro diminuíram ou aumentaram. Sim, podemos chamá-los de Bolsinhos 01, 02, 03 e 04, talquey?

Ontem fui fazer quimio paramentada de fada. Uma garota fã me mandou de presente joias que adornam fadas, tudo em prata e feito à mão. São três adereços delicados, estilo déco, para a cabeça raspada. Queria saber quem é essa fêmea misteriosa que estuda e faz joias para fadas e bruxas para eu agradecer.

Quase não sobra tempo para outras atividades porque é sempre hora da inalação, depois tapotagem, hidratação da pele, remédio para tudo o que pode aborrecer, exercício de respiração. Tô craque em nome de remédios; são todos esdrúxulos, não é fácil decorar, até os médicos se embananam. Fui novamente aconselhada por eles a tomar a dose de reforço da Pfizer. É foda, amiguex, porque ninguém sabe se vai ter qualquer tipo de vacina com essa falta de planejamento geral.

Não vou comentar sobre os Bozonaros e as últimas vergonhas que nós, brasileiros, passamos cada vez que a famiglia abre a boca. No cercadinho dos puxa-saco, mandam bala nos delírios, e a ONU virou um picadeiro onde apresentou-se um bufão da Idade Mérdia. Ó Vergonha alheia!

Ainda não consegui voltar para as redes sociais, então às vezes gravamos um comercial aqui e ali e sou obrigada a soar alegre. Fico tranquila porque é tudo feito aqui na nossa garagem, como um pedacinho de uma live, essas coisas que poucos veem, mas até dá pra levantar uma graninha bonitinha sem sair de casa.

O revés

Depois de uma semana do terceiro ciclo da quimio, senti uma esquisitice dolorosa no braço direito e, apalpando para verificar, senti um cordão duro no lugar da veia onde o acesso ficou por três dias. Liguei para o médico e só então fui avisada do que costuma acontecer com alguns pacientes: tromboflebite! É quando a veia usada para o acesso forma coágulos de sangue que grudam e fecham as "avenidas", formando um inchaço duro que parece um pedaço de pau de tão inquebrável. O tratamento caseiro é fazer compressas de água quente duzentas vezes por dia no local e massagear com pomada Hirudoid ou de arnica, de baixo para cima, que é a via normal que o sangue segue.

Fui informada de que levaria um bom tempo até que o cordão de madeira voltasse a ser usado no tratamento, ou seja, teriam que encontrar no braço esquerdo, o mais sensível, uma veia que aguentasse um acesso por três dias seguidos.

A ficha

Ontem, 23 de setembro de 2022, caiu a ficha de que vou passar os próximos anos por conta desse tratamento, e que ele volta e meia vai me obrigar a ir ao hospital para fazer exames de acompanhamento de três em três meses. Minha Pollyanna se antena e joga o Jogo do Contente, pois sempre existe um lado bom: vou me curar, sim. Mas isso não significa que nunca mais algo vá reaparecer em outro pet Scan.

A situação desconfortável da flatulência inconveniente e incontrolável por conta dos trocentos remédios continua. Não dá pra segurar, explode coração. Estou sendo repetitiva porque minha vidinha besta agora ganhou um upgrade de bestice.

Tomo o maior cuidado ao andar, destrambelhada que sou, e desenvolvo cada vez mais o passo da tartaruga e até agora não caí nem escorreguei. A turma do harém dos boys removeu todos os tapetinhos indianos do meu quarto, que está parecendo de hotel.

Dia seguinte da quimio, o corpo todo fica dolorido, tipo se eu tivesse lutado com Mike Tyson. A dor em si não é lá essas coisas, mas parece que meus músculos puxaram ferro. De repente, então, bate um segundo de felicidade de estar viva e esqueço que estou doente; é um jorro de luz que me envolve por segundos. Sinto não estar só, e com rabo de olho dá para perceber a presença, mesmo que invisível, da turma da Luz. Quando isso acontece, me sinto a pessoa mais feliz do mundo.

Faz uns anos que, já que estou com um pé mais pra lá que pra cá, dei para perceber certos sopros cósmicos, digamos, mais sutis. As plantas, por exemplo, mandam recados umas para as outras pelo vento, pela chuva e pelo sol; basta ficar em total silêncio para ouvi-las fofocando sobre as aventuras vindas do céu. E elas adoram quando você nota um brotinho novo saindo, uma íris que dura um dia só, um beija-flor que lhe dá valor, uma borboleta que combina as asas com a cor do manacá.

Tenho essa bênção de morar numa casinha legal no meio do mato onde a net é à base de querosene e volta e meia cai. Em compensação, convivo

com macaquinhos e saruês, tucanos e corujas, maritacas, jacus e sabiás, todos soltos, da mata aqui do lado, e que vira e mexe vêm me visitar.

Outro dia, estava na cozinha preparando uma xícara de café e eis que, quando abri o açucareiro, avistei uma única “micraformiga” passeando por lá e pensei na trip de paraíso inédito que ela estaria vivenciando.

Imagine você, sozinho, andando numa imensidão lisérgica de nuvens com gosto de algodão-doce. Pensando nisso, não quis cortar o barato dela e deixei o açucareiro aberto, caso quisesse sair e cair na real.

As mulheres

Enfermeira A é às vezes muito mais atenta que os médicos. Eles geralmente fazem as consultas meio rapidinho, enquanto A está sempre comigo e vê de perto as situações que aparecem.

Vou sentir saudade quando A for embora. Ela, de certa forma, me traz de volta um *recuerdo de las mujeres* da minha infância, afinal aqui em casa só tem homens e no conviver com uma fêmea rola fofoca, troca de batom, massagem, uma frutinha fora de hora, um docinho escondido e muitas histórias hilárias.

Vamos começar a chamar enfermeira A por seu nome de batismo: “Anailde, mas pode me chamar de Ana”. Geminiana, tem mania de arrumação (deve ter ascendente em virgem), deu um trato nas minhas roupas caseiras, organizando por cor, e costurou os buracos de traça. E, de tempos em tempos, vem medir meus sinais vitais e me empapuçar de remédios que, se dependessem de mim, nem existiriam.

Se Ana não fosse casada com um cara fofo e não tivesse dois filhos adolescentes fofos, era bem capaz de sequestrá-la. Não é todo mundo que entende a bizarrice da minha família, somos bichos-grilos em matéria de badalação, somos individualmente bem esquisitinhos e adeptos de manias estranhas.

Quem é velho adora conversar sobre doenças, trocar figurinhas sobre remédios, quem morreu ou nasceu, fofocas de hospital. Nesse quesito, Anailde é mestre, apesar de ter cinquenta anos, sabe como ninguém a porcentagem de cura de um remédio, além do preço de todos. Anailde me conta algumas aventuras de sua vida, e eu lhe conto algumas passagens minhas. Estamos quase virando amigas de infância.

Sempre quis ter alguém que não soubesse nada da minha identidade para jogar conversa fora sem querer tirar um pedaço de mim, porque tem sempre alguém que vem nos cobrar opiniões, declarações etc. Um pé no saco.

Uma pequena oração às mulheres

Pietà
Peccata mundi
Mater Dolorosa
Rebordosa
Mitocondrial
Sangue menstrual
Stigmata

Puta non grata
Virgem prenha
Maria das Couves
Maria das Dores
Maria da Penha
Medusa
Messalina
Divas doidivanas
Papisa Joana
Pitonisas
Fêmea da raça
Ela e sua vagina
Na menina que vem
Na menina que passa
Pietà, uh lá lá lá
Tende piedade de nós
Filhas, mães e avós

Escrevi isso na mesma época de “Cor de rosa choque”. Fiquei entre as duas quando me foi encomendada uma música para a abertura do programa *TV Mulher*, em 1980. Escolhi a que menos a censura cairia em cima, mas, mesmo assim, “Cor de rosa choque” foi vetada e só foi liberada depois de trocar frases e palavras.

A expo

A EXPO VAI ESTREAR AMANHÃ. Juca e Gui faziam ligações de vídeo e me mostravam toda a montagem. Eles me disseram que a expo ficará até fevereiro no MIS de São Paulo. Estava feliz pela expo e também aflita porque, por conta da minha baixa imunidade devido ao câncer, não sabia quando ou se iria visitar. Então, falei com os médicos, que me aconselharam a primeiro tomar o reforço da vacina. Ainda assim, pediram para que eu fosse numa segunda, que é o dia em que o MIS é vistoriado e não abre para o público.

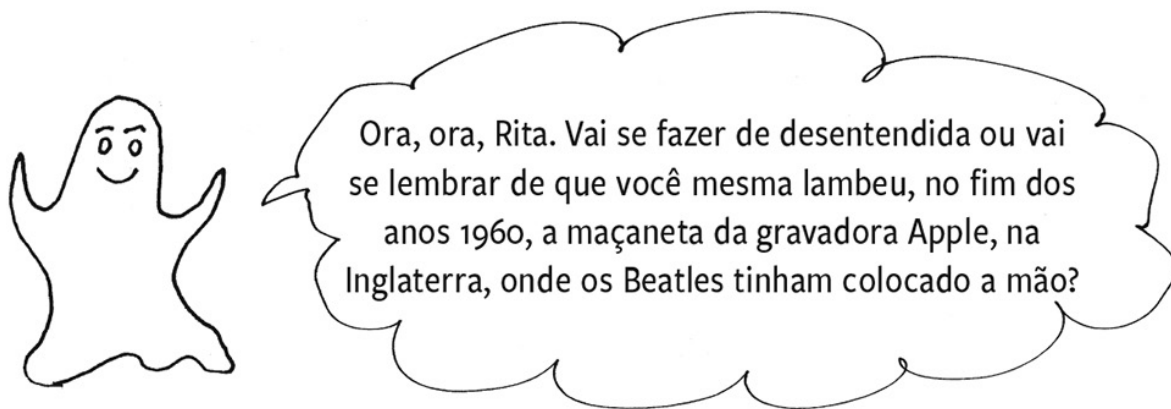
Algumas semanas depois da estreia, consegui, numa segunda-feira de folga, ir à expo que meus amores Guilherme Samora, meu editor e melhor amigo, Chico Spinosa, meu carnavalesco favorito, e João Lee, curador e meu lindo filho do meio, deram um duro danado para montar. Se não fosse pela cadeira de rodas, eu jamais conseguiria sair de casa e ver a linda homenagem que fizeram para mim.

Já na entrada, parece um sonho poder percorrer minha vida de artista com distanciamento. Elas, as manequins, vestidas de várias fases de palco, ficaram mais parecidas comigo que eu mesma. Fiquei sabendo que a garotada está comparecendo em peso. E que a sessão que mais gostam é a Rita Perigosa, sobre minha prisão e minhas trocentas músicas censuradas pela ditadura. Tem até a ritalee atrás das grades com figurino de presidiária. Tadinha.

Sobre isso, fui saber pelo Gui poucos anos atrás que sou a artista brasileira campeã de músicas censuradas na época da ditadura. Eu crente que fosse Chico Buarque. Para os milicos, eu era uma persona non grata porque ia contra os bons costumes da família tradicional brasileira. Fico lisonjeada de ter essa marca no meu currículo. Além disso, meu nome aparecia na lista de "pessoas de interesse" da ditadura, bem pertinho do de Elza Soares. Tenho a impressão de que me enxergavam como uma mulher perigosa que atentava contra o pudor exasperado do patriarcado. Aquela velha frase: nunca fui um bom exemplo, mas sempre fui gente fina.

Durante minha visita ao MIS, percebi também as caras e bocas das poucas pessoas que me viram por lá, por causa da cadeira de rodas. Eu podia ver suas diversas expressões: alguns com sorrisos caridosos, uns desviando o olhar, outros com cara de enterro. Agora, quando eu encontrar um cadeirante pela frente, vou querer conversar e trocar figurinhas.

ADENDO EXPO

Os visitantes podiam deixar bilhetinhos para mim durante os meses em que a expo ficou em cartaz. Recebi caixas e mais caixas cheias de declarações de amor, muita mensagem de força, poemas, desenhos, alguns pedidos para que eu me candidatasse à presidência (ahm?) e um pedido para fazer um PIX. Ah, tinha a mensagem de um fã que disse ter lambido uma roupa minha. Fofo. Mas pra que lamber uma roupa minha?

Justo, Phantom, justo. Mas também queria dizer que amei os desenhos das crianças. Alguns me pintaram de super-heroína dos animais. Ah, e recebi um pedido de casamento de um jovem gay. Dei valor.

Transcrevo aqui o pedido: “Quero me casar com você. Lavo, passo e faço comida. Só não garanto ereção porque sou gay. Mas você pode me comer se quiser”.

A garotada

VOLTA E MEIA RECEBO CARTINHAS DE FÃS, e alguns são bem jovens, contando como meu trabalho com a música mudou a vida deles e lamentando que antes não tinham idade para assistir a um show meu.

Fico no céu lendo essas coisas e me emociono quando escrevem que não são aceitos pelos pais por serem diferentes, e como minhas músicas são uma companhia e os libertam nessas horas de solidão.

Dia desses, um menino, rejeitado pela família por ser gay, me disse que pensou até em desistir desta vida, mas que ao ouvir minhas músicas decidiu ficar.

Dá vontade de pegar todos no colo e cantar baixinho no ouvido deles: “Você não está só, é só um nó que precisa ser desfeito”. A gente, quando muito jovem, tem um pé no “eu contra o mundo”. Quando eu era “uma adolescente contra o mundo”, desenhei numa cartolina uma ilha deserta rodeada por tubarões e escrevia nela o nome das personas non gratas que eu mandaria pra lá. Assim, eu desopilava o fígado do ódio. Do outro lado da cartolina, desenhei uma ilha paradisíaca onde eu gostaria de ficar com gente bacana. A ilha do ódio tinha professores, alguns vizinhos, parentes chatos, colegas falsianes, Natalie Wood e quem mais eu fosse odiando. Na ilha do amor era só James Dean e eu.

Mas sinto que é mais complicado ser jovem hoje, já que nunca tivemos essa superpopulação no planeta: haja competitividade, culto à beleza, ter filho ou não, estudar, ralar para arranjar trabalho, ser mal remunerado, ser bombardeado com trocentas informações, lavagens cerebrais…

Queria dar beijinhos e carinhos sem ter fim nessa moçada e dizer a ela que a barra é pesada mesmo, mas que a juventude está a seu favor e, de repente, a maré de tempestade muda, fazendo o barquinho seguir até sua ilha deserta e ensolarada de amor. Diria também para não planejarem nada a tão longo prazo, que a frustração pode assombrar; o que não significa não ter sonhos, apenas que eles não caem do céu.

Diria também um monte de clichê: que vale a pena estudar mais, pesquisar mais, ler mais. Diria que não é sinal de saúde estar bem-adaptado a uma sociedade doente, que o que é normal para uma aranha é o caos para uma mosca, que uma coroa não é nada além de um chapéu que deixa entrar água, que todo dia o mundo se afoga no caos e vai ser difícil achar um lugar para observar o fim dos tempos de camarote.

Meninada, sintam-se beijados pela vovó Rita.

O menininho

FICO PERAMBULANDO PELA CASA vendo as traquinadas e os bichos como se fosse a última vez. Presto mais atenção nos detalhes que antes passavam despercebidos.

Chega a gangue dos saguis para uma rodada de banana, e é quando Saci, o terror dos sete mares, trepa na árvore crente de que vai assustá-los, mas quem sai perdendo é ele: os macaquinhos formam um front intransponível com gritos e mordidas no rabo de Saci, que humilhantemente pula da árvore dizendo “eu não estava mesmo a fim de brincar com eles”.

Ao contrário de Sophia, que era minha gata negra deusa guardiã Bastet, uma vira-lata real, Saci tem o DNA do gato malandro nascido em terreno baldio que logo se desloca da família para seguir sua curiosidade, e nessas veio parar aqui em casa.

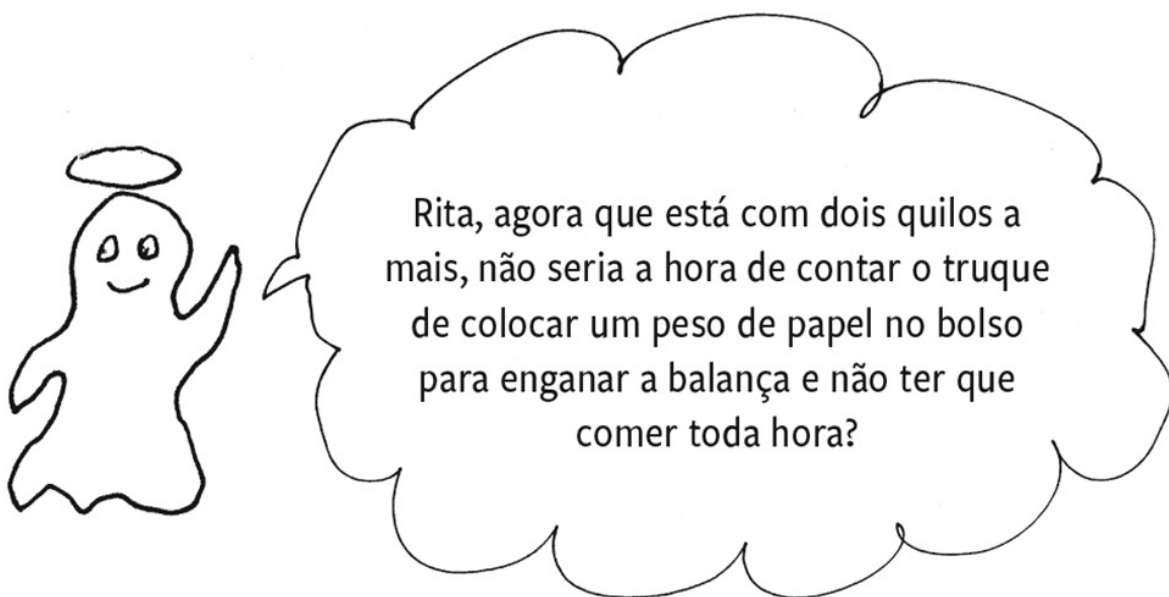
Saci é um gato palhaço. Quando não tem nada com que brincar corre atrás do próprio rabo até que alguma coisa mais importante chama sua atenção: uma borboleta.

Ataque de desespero foi quando chegamos do hospital e vimos o corpinho esticado de Saci, sem machucado nem vestígios de briga,

como se estivesse dormindo gostoso. Morreu de picada de cobra, foi pá pum. Gato adolescente, no auge da vida, com tanto tesão. Lá se foi meu menininho. E eu continuava viva.

O desequilíbrio

Meu dia não segue uma rotina, apesar de tomar remédio com horário marcado. Como já disse, tenho acordado às quatro da manhã e me dá vontade de pular da cama no ato, como sempre fiz. Mas agora me falta equilíbrio nas pernas de graveto. Depois do terceiro ciclo da quimio, tenho que andar bem mais devagar, fazer tudo em câmera lenta, então o lance é ter foco em cada gesto. Além da marcação cerrada de alguém da família, tenho que me concentrar nos pés, nas pernas e na coluna. Outro dia fui escrever uma letra que estava na cabeça e peguei um bloquinho e um lápis. Esqueci como era escrever à mão, e o lance foi escrever no meu velho Ipad.

Ainda me alimento sem fome, mas consegui engordar mais um quilo, o que me deixou feliz porque dá uma esticadinha geral na pele do corpo e mostra uma caveira cujo sonho de consumo é engordar nove quilos. Aliás, Rob faz uma festa por aqui toda vez que eu subo na balança e ela mostra alguns gramas a mais.

Antes da pandemia, eu praticava o método Feldenkrais, que é uma série de exercícios físicos usando somente o peso do próprio corpo, seguido por sessões de respirações e meditações sentada na terra, o que é perfeito para dar um chão ao elemento cabra montanhesa que sou. Daí veio a mardita pandemoníaca e fodeu com tudo. Em compensação, estou conseguindo guardar na memória os nomes esdrúxulos de vários remédios e para que servem. Um belo dia saquei como faz para mudar os números do oxímetro, basta uma sequência de inspirações e expirações para que a oxigenação aumente ou abaixe.

Quando o tempo ficar mais quentinho, preciso limpar os cristais: o ideal é que eles tomem banho de sol, banho de chuva e, por fim, banho de sal grosso. Sempre dá um trabalhão porque são muuuitos cristais colecionados ao logo de toda minha vida. Sou a guardiã deles e devo-lhes muito cuidado.

Meus braços já passaram de azuis para verdes e amarelos por conta dos acessos para injetar os componentes da quimio. Isso sem desmerecer o barato das sextas-feiras, que me lembrava os efeitos de uma cachacinha que traz a sensação de "a vida é bela". Sob o resultado da droga misteriosa, quando chego em casa preciso verificar se ainda estou viva neste corpo denso ou se já passei deste para o espírito. Juro que tem horas que eu realmente não sei se estou viva ou morta; quando me olho no espelho, estou mais morta que viva, e, quando não me olho, sou mais serena sem ficar fazendo joguinho comigo mesma.

Aliás, para passar o tempo, malho meu cérebro jogando paciência e fazendo palavras cruzadas, o que é ótimo para manter a mente ativa e fugir do Alzheimer. Pensando aqui, no fim do tratamento, quando ficar só na manutenção de três em três meses, queria visitar meus oncoleguinhas crianças internados no hospital. Pensei em ir paramentada de Morgana para contar o segredo que só nós, carequinhas, conhecemos, mas esquecemos.

Falando nisso, escrevi uma nova aventura do dr. Alex, que fala sobre a morte para as crianças de maneira leve e divertida. Chama-se *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*. As ilustrações de Gui Francini são mágicas. Tem o céu dos cachorros, eu de fada…

Quando recebi o livro número um, foi uma delícia. Até me esqueci por um momento da realidade Cruela e viajei, como uma fadinha, pelos cenários do livro.

Os remédios

DANDO UM TEMPO AQUI NAS ESCREVINHAÇÕES para focar a série de remédios que já tomei e os que tenho agora pela frente. Espia só por onde eu já passei:

Inalação com soro fisiológico + 30 gotas de Atrovent + Fluimucil + tapotagem

Zyprexa
Aropax
Losec
Decadron
Dipirona
Eliquis
Profenid
Neutrofer
Tramal
Frontal
Stilnox
Avalox
Symbicort
NiQuitin
Remeron
Droxaine
Buscopan
Sucrafilm
Miosan
Hirudoid
Zovirax
Lactulona
Phosfoenema
Pulsatilla nigricans
Hamamelis virginiana 6CH

Óleo de cannabis

Na verdade, não posso nem me queixar do câncer. No fundo do meu ser, agradeço as lições das dimensões de Luz e tento entender os porquês que estão ao meu redor.

Agora sobre essa pandemia, pelo que sabemos, há mais interesses em negar o fato do que em salvar vidas. No palanque está um palhaço sem graça comandando nossa nave dos desesperados e levando meu querido país para o cu do mundo em matéria de destruição.

Mas, apesar dos pesares, daqui não saio, daqui ninguém me tira. Não desistirei nunca do Brasil. Se chegar aos meus 107 anos, estarei numa cadeira de balanço tricotando dizeres para um neto meu usar na passeata: “O Brasil repetiu de ano”.

A fisio

MEU DESEQUILÍBRIO ESTAVA FICANDO cada vez mais preocupante, e pensou-se em fisioterapia. Dizem que quando alguém perde peso radicalmente os primeiros atingidos são os músculos da coxa, e minhas “pernas que um dia abalaram Paris hoje são dois abacaxis”, como dizia a música. Segundas, quartas e sextas vinha Bianca, uma fisio que focava uma série de exercícios para fortalecer os músculos. Terças e quintas vinha a Val, que trabalhava os pulmões. Eu tentava roubar a contagem de uns exercícios, mas as meninas eram superatentas e desisti, lá ia eu recomeçando da estaca zero. Fico tentada a sacanear qualquer tipo de autoridade, mas, nesse caso, quem saía perdendo era eu mesma. Dãã.

Nas fisios, eu conseguia fazer os exercícios na hora, mas depois que elas iam embora, eu agradecia aos céus e pensava “quando é que eu vou conseguir andar sozinha de novo”.

De uns anos para cá, sou assombrada por uma dor maldita na coluna que me faz sonhar com uma overdose de morfina, principalmente na hora do banho, quando ficava de pé, até que *nurse* Ana arranjou o tal banquinho de plástico salvador. *Nurse* Ana me esfregava pra valer da ponta dos pés até o último fio de cabelo. Duas senhoras peladas fazendo comparações tipo “dá pra ver que meu peito esquerdo é mais caído que o direito?”. Eu saía de lá zonza, direto pra cama.

O novo velho

31 DE DEZEMBRO DE 2021. Mais um ano acabando, mais um ano de vida. Falando nisso, anos atrás, depois de meditar sobre minhas frustrações, eis que cheguei a uma óbvia: ter nascido no dia 31 de dezembro. Resolvi que meu aniversário será em 22 de maio, dia de santa Rita de Cássia, uma data mais normal para quem sempre sofreu por nunca ter podido chamar um aniversário de seu. De qualquer maneira, permanecerei capricorniana, gosto de ser caprica.

Ano-Novo, exames velhos. Ressonância magnética com contraste me dava pavor. E ultrassom, exames de sangue, PET Scan… são tantos que até os nomes dos meus malvados eu esqueço.

Ao voltar do hospital, soube que Gambá, o gato galã, estava cada vez mais magro debaixo daquele mundaréu de pelos. Gambá, o gato sagrado da Birmânia, assim como eu, precisava comer. Ele tinha dezesseis anos, coisa rara para uma nobre figura, e eu entendia tudo o que Gambá queria dizer, coisa só nossa, ele falava pra mim. Só ia ao cabeleireiro para uma tosa higiênica e desembaraço na penugem.

Só que daquela vez ele foi e não voltou mais. O vet telefonou e explicou que ele praticamente precisava de um levanta defunto, de soro na veia com um antibiótico. Desliguei o telefone já sentindo que Gambá me chamava.

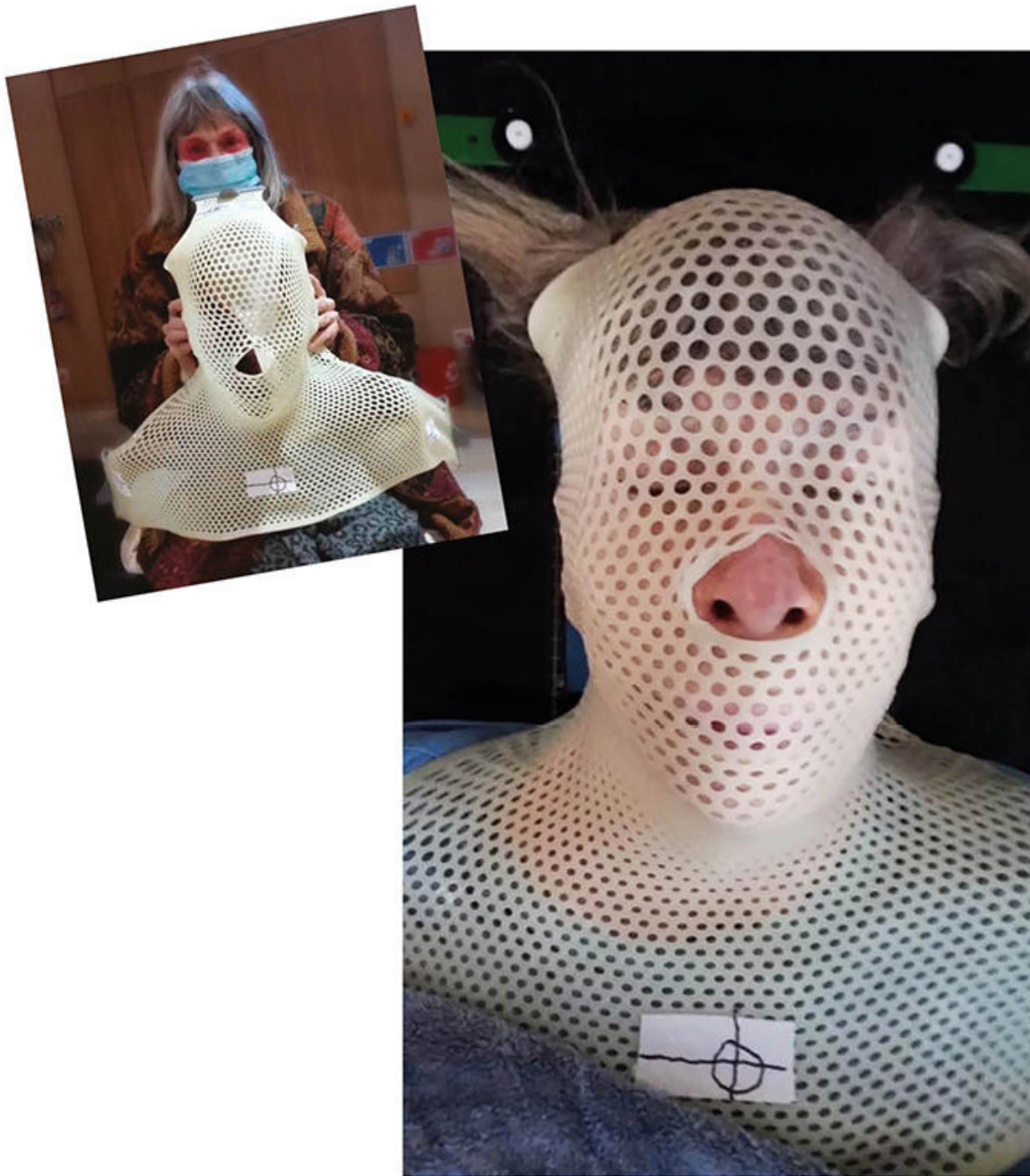
Cheguei ao vet, que foi dizendo que não tinha nada a fazer, e para eu ficar com Gambá. Meu filho deu uma lambidinha na minha mão e se foi, elegante e belo como sempre. Gatos “de raça” são mais frágeis, mesmo assim a média de um peludão viver na Terra seria basicamente de quinze anos, e Gambá tinha mais que isso. Foi com ele que passei momentos bons e ruins; levar um papo telepático com um bicho em momentos de dúvida é na mosca. Conviver com um bicho é a resposta a várias questões que chegam sutilmente. “É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.”

Ainda de luto por Saci e agora por Gambá, eis que Luisa Mell me manda uma filhinha-gata-preta, resgatada, e foi amor à primeira lambida. Chama-se mestra Lady Mirian, codinome Mica. Divide o espaço com Neguinha, nossa gata branca que perdeu a orelha numa briga de gangue e ganhou o apelido de Gata Van Gogh, e com nosso único filho canino no momento, guardião da casa, Nino Affonso — que se acha um pitbull e no espelho não se reconhece como mistura de poodle com maltês.

Guilherme Samora

Guilherme Samora

No sótão, selecionando figurinos para a exposição (sim, eu sou uma acumuladora). Dias depois, recebi o diagnóstico de câncer no pulmão.

Ilustrações: Guilherme Francini

Arquivo pessoal

Esta é Leonor, a máscara que me acompanhou nas primeiras sessões de radioterapia.

Durante a pandemia, escrevi este livrinho infantil para tratar de um tema tabu: a morte. As crianças são espertas. Elas querem saber mais do que aquela velha história de que um parente ou bichinho "virou estrelinha".

Fotos: Guilherme Samora

Gravando o clipe de “Change”, com Roberto, no quintal de casa. Aqui, já tinha começado a fazer quimioterapia.

Roberto de Carvalho

Logo depois da gravação do clipe de “Change”, decidi raspar a cabeça.

Roberto de Carvalho

Um tempo depois das primeiras quimios.

Fotos: Guilherme Samora

O dia em que visitei a expo.

Arquivo pessoal

Lady Mirian, resgatada por
Luisa Mell, logo que chegou em casa: sou mãe outra vez.

Arquivo pessoal

Não fui para la, mas me mandaram um Grammy.

Roberto de Carvalho

Guilherme Samora

Sessão de fotos que fizemos na garagem de casa, com a peruca de pérolas de Walério Araújo.

Guilherme Samora

Os animais

VOCÊ ESTÁ LÁ, NUMA BOA, e chega uma chata dizendo “com tantas crianças pobres no mundo e você aí, defendendo animais”. A primeira vontade que dá é encher a chata de porrada, mas a gente é educada e responde: “Defendendo animais, você educa as crianças a respeitar todas as formas de vida, e o animal, assim como a criança, não consegue dizer que está sendo maltratado por um adulto. Crianças e animais não sabem se defender e denunciar abusos cometidos, e cabe a nós dar voz a eles”.

Se a chata não entende, aperto o foda-se, mostro o dedo do meio e vou embora deixando a besta falando sozinha. Os humanos se acham mais sagrados que os animais, deploram o aborto e matam bezerrinhos porque a carne é mais tenra; devoram perus no Natal porque é tradição; mantêm aves e bois enjaulados e engordados à força para comerem no dia a dia; caçam onças, elefantes, rinocerontes para tirarem fotos; usam pele de chinchila, raposa e foca para fazerem vestimentas; prendem-nos no zoológico onde ficam expostos dia após dia.

Como “diversão”, os humanos obrigam animais a se humilharem e fazer palhaçadas em circos, assim como se sentem “atletas” em rodeios, vaquejadas, touradas, farra do boi e outros tantos eventos que ensinam crianças que animais são meros objetos dos humanos, esquecendo que bichos também sentem dor e estão longe de seus hábitats e famílias. E existem certos pseudofilósofos-filhos-da-puta cujo sonho de consumo é matar um urso. Nem me interesso pelo que esses “intelectuais” ensinam.

Meu querido são Francisco,
Proteja os cachorros e gatos abandonados nas ruas;
Proteja as vacas sagradas do espeto em suas carnes cruas;
Proteja os macacos dos loucos da febre amarela e proteja os cavalos e bois do sedém, da espora e da sela;
Dos açougueiros proteja os porcos, dos toureiros proteja os touros;
Liberte os inocentes condenados em seus abatedouros;

Proteja os bichos exóticos dos contrabandistas;
Proteja ratos, coelhos, hamsters e micos de cruéis pesquisas;
Proteja os bezerrinhos dos laços covardes dos rodeios;
E solte aos céus as aves de seus cruéis cativeiros;
Proteja as doces bestas dos bestiais safáris doidivanas;
Proteja a pele das focas, raposas, chinchilas das vaidades humanas;
Proteja galinhas, patos e perus em seus desumanos aviários;
Proteja as doces ovelhinhas e cabritos de seus bárbaros sanguinários;
Proteja todos os pets de seus criadores gananciosos;
Proteja leões, ursos, elefantes e tigres de circos impiedosos;
Proteja botos, golfinhos, baleias da prisão das piscinas;
Proteja os prisioneiros do zoo;
Proteja dos carrascos das carrocinhas;
Animais e crianças, proteja-os de toda desumanidade;
Os puros de coração, proteja-os de toda brutalidade;
Amém.

A rainha

HOJE ACORDEI E TIVE A NOTÍCIA da partida de Elza Soares, de quem sou súdita desde pequena. E a gente vinha trocando algumas figurinhas nos últimos tempos.

Pouco antes de eu ser diagnosticada com câncer, ela me pediu uma música para gravar. A letra baixou em dez minutos. Pensei em sua figura majestosa e nasceu “Rainha Africana”.

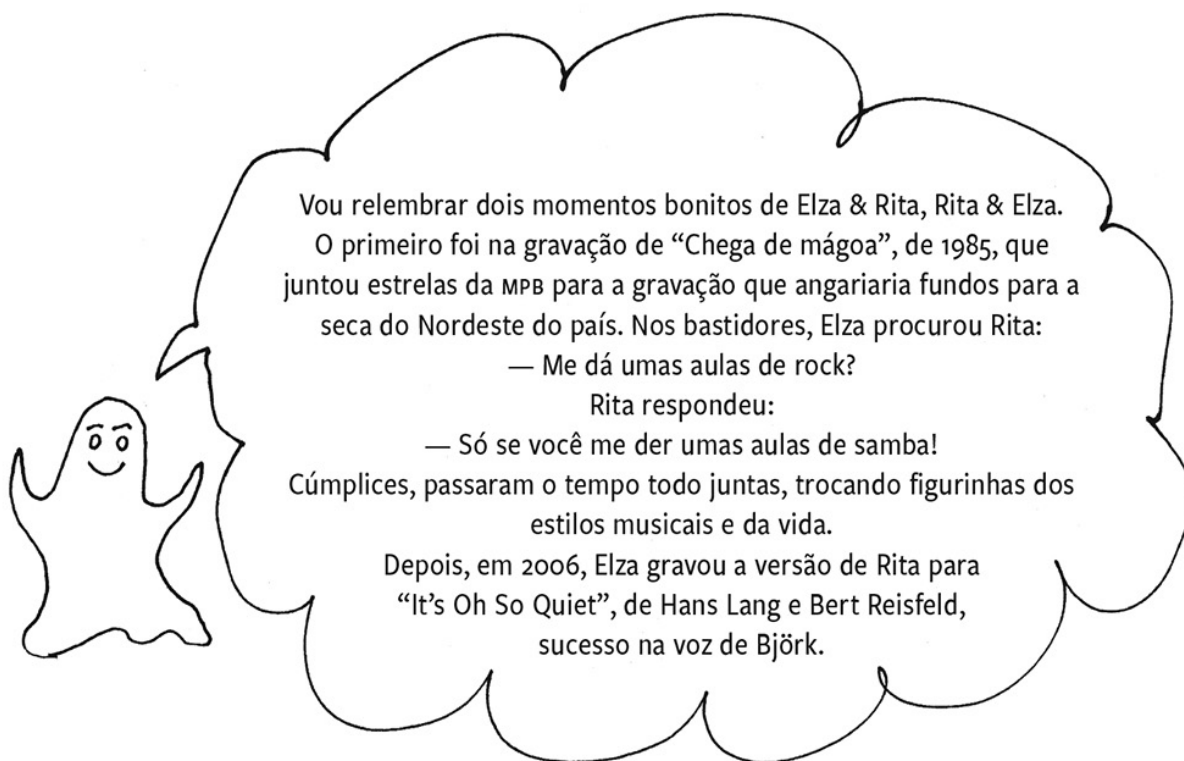
Cara
Olha bem pra minha cara
Veja em mim uma mulher
Que passou por muita dor
Mesmo assim aqui estou
Soltando minha voz
Minha raça, minha cor
Sendo uma guerreira
Que passou a vida inteira
Vista como nega maluca
Uma preta lelé da cuca

Eis-me aqui
Rainha africana
Brazuca sul-americana
Poderosa no meu trono
Eu não tenho dono
Nã Nã Ni Nã Nã
Eu não tenho dono
Nã Nã Ni Nã Nã
Eu não tenho dono

Rob fez a música, fomos ao estúdio na garagem, gravamos uma demo e mandamos para ela. Tudo no mesmo dia. Lembro que tive que me esforçar

mais para cantar, coisas do tumor que já estava ali.

Elza, assim que ouviu, já mandou um áudio: “Ó Rita, que prazer imenso ouvir você cantando essa música pra mim. Muito obrigada! Te adoro, criatura”.

E, nessas, trocamos mensagens de amor. Quando saiu a notícia de que eu estava com câncer, ela foi uma das primeiras a entrar em contato e me dando força. Mandei o livro novo do dr. Alex para ela… e fiquei sabendo que a música que fizemos foi uma das últimas a serem gravadas por Elza.

O coelhinho

E A VIDA SEGUIA… depois de ter ido a expo, fiquei a fim de dar um rolê de cadeira de rodas na loja de produtos pets, enchi o carrinho de brinquedos e guloseimas. O porém foi quando vi numa gaiola um coelhinho sem água e sem comida. Quando a raça humana vai entender que não se vende bichos? Quando a raça humana vai entender que eles não foram feitos para ficar em jaulas e gaiolas?

Fui falar com um atendente para tratar o coelhinho com mais atenção, e ninguém me reconheceu por estar careca. Quase levei o bichinho, mas Roberto me lembrou de que não havia lugar em casa para abrigar um coelhinho. Mas eu queria era soltá-lo de vez. Rob pensava no rebuliço que ia ser um coelhinho solto pelo terreno e disse também que nós já estávamos velhos demais para novos desejos… Tapa na cara, e eu acordei para a realidade cruel.

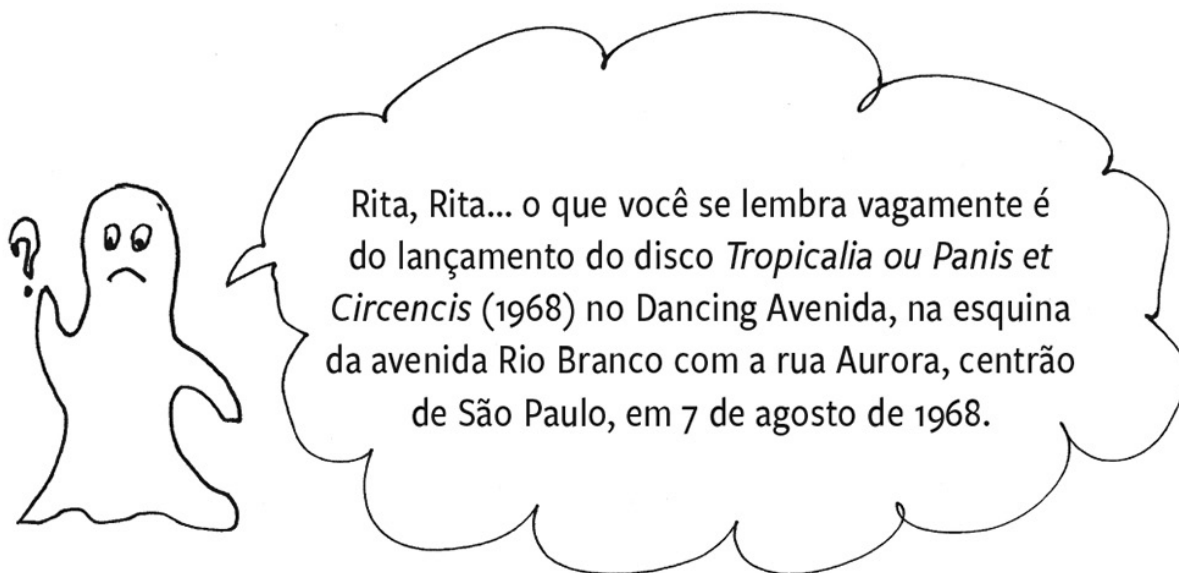
Realidade cruel pensar que passei praticamente os anos de 2021 e 2022 indo e vindo do hospital por conta de um maldito câncer, em plena guerra mundial contra um maldito vírus e suas variantes e que ninguém sabia de onde vinham e pra onde iam e continua sem saber praticamente nada de nada.

A voz

MAIS UM CAPÍTULO de realidade cruel.

Alguns dias atrás, assisti a um vídeo bonito da Gal em um festival, dedicando uma música a mim. Pensei então que a gente não se falava havia tempo e que precisava escrever um e-mail para ela.

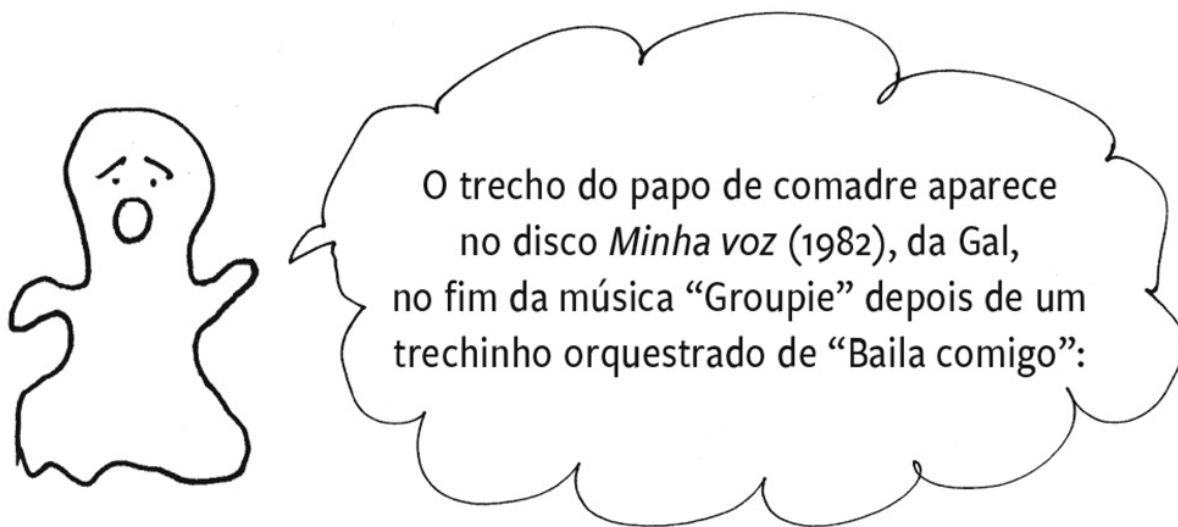
Alguns dias depois, o choque: a notícia da morte da garota da voz de veludo. Como ainda não acredito que Gal tenha partido, prefiro escrever algumas polaroides que guardo dela:

1 – A primeira vez que me encontrei com Gal foi na época de Mutantes. Me lembro vagamente de ter cantado ao lado dela e de Nara, junto de Caetano e Gil, em algum inferninho de São Paulo, nos anos 1960.

2 – Gal e eu fomos apóstolas no *Divino Maravilhoso*, na Tupi. O programa era um deleite tropicalista. Em uma das cenas, todos nós estávamos sentados a uma mesa, como na Santa Ceia. Gil representava Jesus, e nós, os apóstolos, fizemos vocais para ele, que cantava “Miserere nobis”. As cenas foram perdidas em um “incêndio” pra lá de mal contado.

Depois, soube que colocaram fogo nas fitas para driblar a ditadura, que planejava usar os programas para prender todo mundo por desacato.

3 – O sorriso maroto de Gal nos bastidores do show dos Doces Bárbaros, no Anhembi, em 1976. Com Gil, Caetano e Bethânia, ela cantava uma música dedicada a mim. Eu, que não fazia ideia, quase desmaiei de emoção. No backstage, ela me contou que era uma das compositoras da canção. Procure na internet, se chama “Quando”.

4 – Logo depois disso, quando eu havia saído da prisão, Gal me pediu uma música para gravar. Fiz “Me recuso” (1977), que foi lançada no disco *Caras e bocas*.

5 – Em algum lugar, em algum momento dos anos 1980, Gal e eu gravamos um papo de comadre, uma lambendo a outra de elogios. Era só uma conversa mesmo, um esquema meio tataravô de podcast. Não sei se isso foi usado para alguma coisa.

Gal: Na minha casa é impressionante, eu ouço Rita o dia inteiro.

Rita: Na minha, só dá você…

Gal: Você é um escândalo, na época de “Lança perfume” eu ouvia… até hoje eu ouço “Lança perfume”, religiosamente.

Rita: É mesmo?

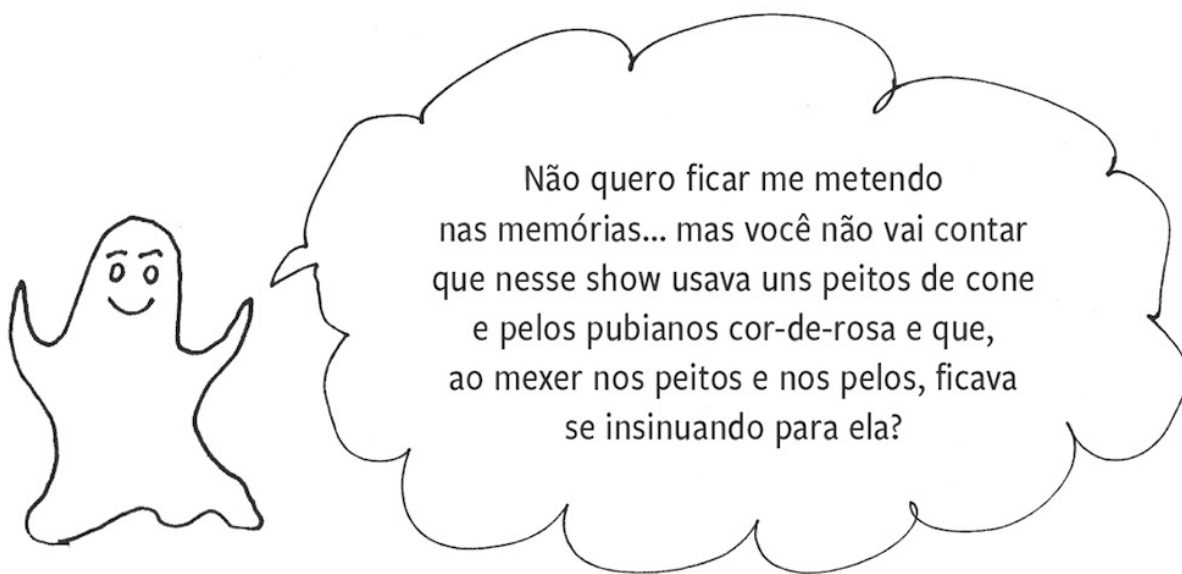
Gal: Eu adoro, Rita… sou sua fã.

Rita: Eu fui primeiro!

Gal: Eu fui primeiro. Eu sou sua fã.

Rita: Não senhora! Eu fui primeiro…

6 – Aníbal, meu personagem mecânico-cafajeste, vivia dando em cima da Gal. E foi ele quem "desceu" quando me encontrei com ela no lobby de um hotel em Nova York. Sem cerimônia, Aníbal deu altas investidas nela, que gostou do galanteio, mas a namorada não achou graça.

7 – Avistei Gal na plateia de meu show no Maracanãzinho, no Rio. Foi em 1981, no *Lança Perfume*. Me lembro direitinho dela dançando ao lado de Elis e de Simone. Ela também foi a outro show do Maracanãzinho, em 1987, quando cantei "Me recuso" para ela.

Ok, ok. Confesso: eu usava nessa música um collant preto onde tinha costurado tiras de velcro sobre os peitos e uma sobre a xereca, à medida que a música seguia, eu colava e descolava os adereços brincando com a plateia… e fiz isso com a Gal. O que eu sei é que o público aplaudia calorosamente a cada mudança de peito e de pentelhos coloridos.

8 – Gal, junto de Cauby Peixoto e Ronnie Von, estavam entre as personalidades que me entregaram os discos de ouro e de platina por *Lança Perfume*. Foi numa festa no Rio. Ela também esteve no Rock in Rio (1985), assistindo ao meu show do fundo do palco.

9 – Dublei "Índia", de Gal, no *TVLEEzão*, programa que eu fazia na MTV no começo dos anos 1990.

10 – Gal fez uma participação no meu show *Bossa‘n’roll*, em um festival no Rio, também no começo dos anos 1990. Cantamos “Mania de você”. Nos bastidores, a conversa foi mais ou menos assim:

— Rita, vamos fazer uma turnê juntas?

— Vou adorar! Vamos decidir repertório e ensaiar.

— Mas eu só quero cantar música sua. Faz tempo que eu estou querendo cantar seu repertório. “Ovelha negra” não pode faltar.

Não sei de qual das duas foi a sugestão, mas saímos de lá com nome: LeeGal, que acabou não rolando por causa das agendas que ambas cumpriam com seus shows.

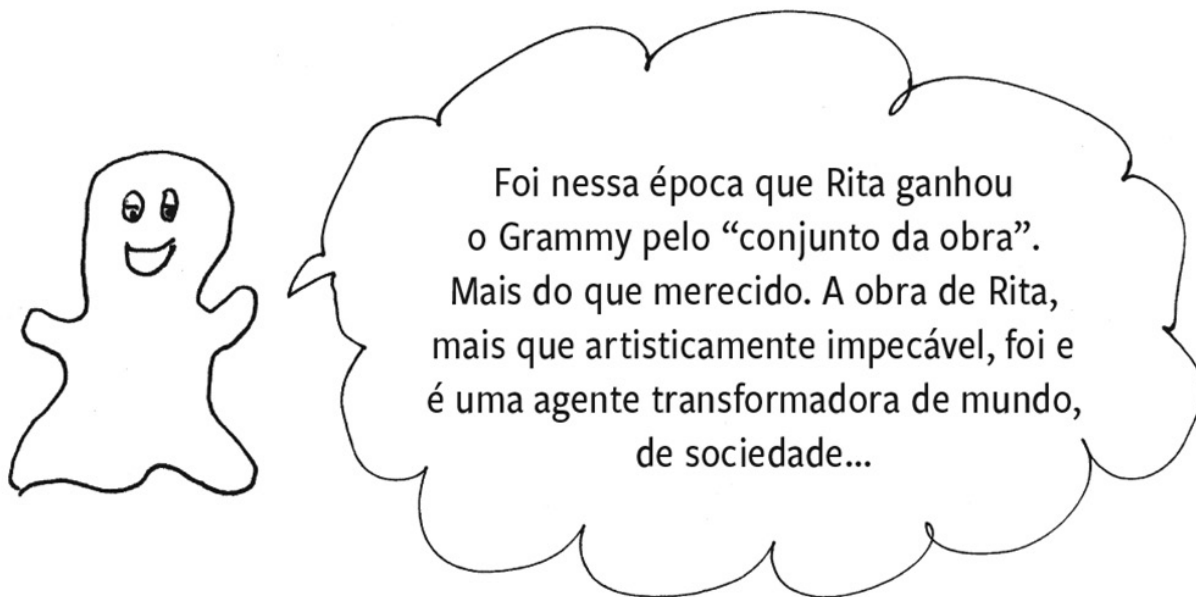
11 – Como não conseguimos fazer o LeeGal, nos juntamos novamente para uma apresentação, dessa vez no aniversário de São Paulo de 1994, no Anhangabaú. Ela me disse que “queria ser roqueira” naquela apresentação. No clima, pintamos e bordamos no palco, com uma apresentação bem salerosa de “Bem me quer”, com direito a roupas rasgadas, encoxadas e muito carinho.

12 – Já nos anos 2000, eu cantava “Baby” nos shows, com um cabelão encaracolado, homenageando a Gal.

13 – Anos depois de Gal me dizer que queria cantar “Ovelha negra”, ela mandou uma mensagem dizendo que gravaria a música. Entretanto, pediu licença para trocar na letra “pai” por “mãe”. Ela me explicou que o pai havia sido ausente e que, por isso, se sentiria mais à vontade cantando para a mãe dela. Respondi que ela poderia fazer o que quisesse. E assim foi gravado: “Foi quando minha mãe me disse: ‘filha, você é a ovelha negra da família’”.

A capa

ESSES DIAS, Gui e eu fizemos umas fotos aqui na garagem de casa, com uma peruca de pérolas genial do Walério Araújo.

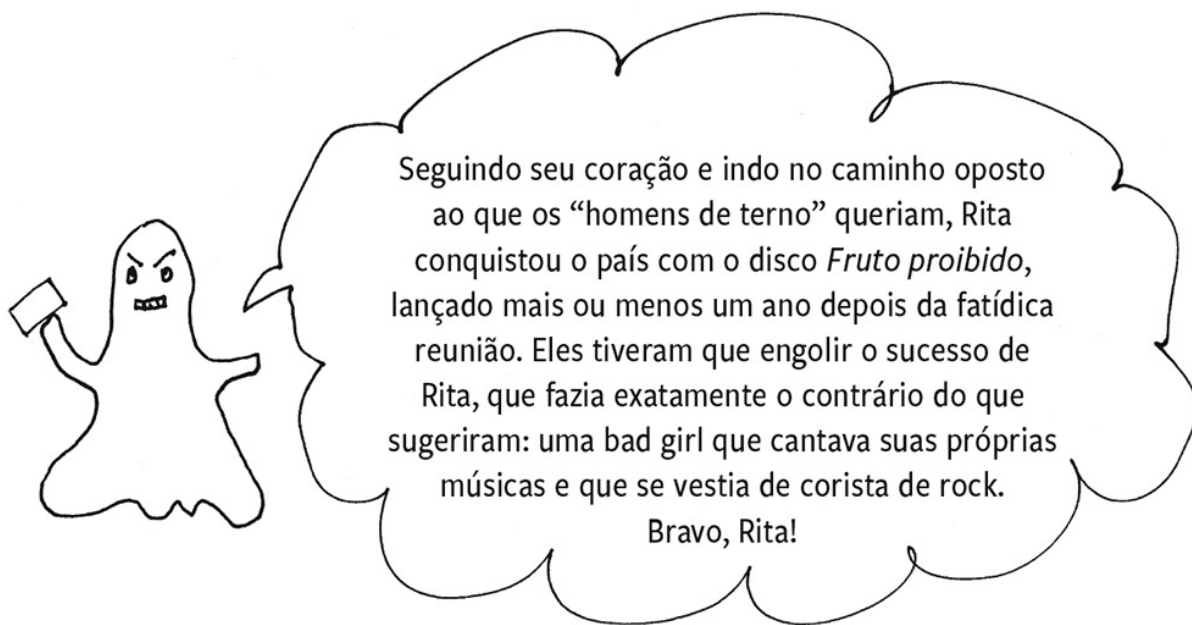
Foi parar na capa da *Rolling Stone* e rolou uma repercussão que eu nem esperava. Será que acharam que eu tinha morrido? A garotada entrou numas de me colocar nos *trending topics* do Twitter. Li alguns posts que praticamente me santificaram. Fofos.

Percebo uma curiosidade da meninada da nova geração de artistas por minha figura. Dia desses recebi homenagens de Manu, Luísa, Liniker, Ana, Vitória… Recebo também recadinhos e torpedos, principalmente das meninas. Elas mandam amor e pedem até conselhos.

Se há algum conselho que posso dar às meninas que querem trabalhar com música é: componha. Compor é um ato solitário, mas incomensuravelmente gratificante. Leve um violão para o banheiro, que já tem um reverb natural, fique pelada, conheça sua voz e aguarde o santo se pronunciar. Tente não deixar seu ego interferir, ouça os sopros sutis que

vêm da música das esferas, mesmo que seja uma melodia usando um dedo só, e como essa melodia se traduz em palavras.

É importante a gente cantar o que deseja. Sem intromissão. Quando eu estava começando a trabalhar com música, depois de um disco meu ter sido negado pela gravadora, foi organizada uma reunião com os bambambãs especialistas em sugerir quais atitudes os artistas deveriam seguir para terem sucesso.

Cheguei à mesa redonda e só vi homens de terno me olhando como se eu fosse uma mulher-objeto, algo a ser trabalhado para atender às opiniões deles de como deveria me comportar como artista. Papo vai, papo vem, e eu lá quietinha, só ouvindo. Os caras começaram a dizer como eu deveria me vestir: tipo minissaia e casaquinho cor-de-rosa, fazendo a cocotinha fofinha e bem comportadinha, cantando músicas de outros compositores, falando de amor pueril e bobinho. Me levantei da mesa, mandei todos tomarem no cu e fui para o banheiro da gravadora queimar um baseado. Não é preciso dizer que o meu contrato foi cancelado pelos eguinhos masculinos e fiquei desempregada. Mas o lado bom daquela reunião foi aprender o que não fazer.

Por que mesmo dizem que, para ser forte, “precisa ter culhão”? “Culhões” são tão frágeis, tão vulneráveis…

Falando em música, no meio do meu turbilhão de memória, lembrei que escrevi a letra de “Balada do louco” no feminino, mas tive que mudar para o masculino para um dozmano Mutante cantar. Tinha um pedaço que dizia:

Se elas são bonitas
Sou Brigitte Bardot
Se elas são famosas
Sou Luz del Fuegô (escrevi assim mesmo, com acento circunflexo, para rimar)
Mais louca é quem me diz
E não é feliz.

Daqui pra frente

Estava indo tudo calmo, até que fomos conversar com dr. Óren. No consultório, ele disse que o último pet Scan havia acusado mais pontos cancerígenos pelo corpo, uma metástase na bacia e outra na cabeça. Haja susto, mas combinamos de apressar mais quimios e também mais uma sessão de radio, além de imuno.

O clima ficou meio tenso, mas vamos fazer o que é possível. Nessas, passei a levar a fisio mais a sério, mas mesmo assim minha cabeça rezava.

Não pedia nada além de força para aguentar o tranco que me esperava pela frente. Não negocio com Deus, agradeço e peço licença para fazer xixi.

Fico pensando em como será minha vida daqui em diante e não sei se vou me safar dos tumores todos que podem ir e vir. E se os bozos tomarem o poder? E se uma hora dessas me disserem que preciso de uma cirurgia?

E volta ciclo de quimios, e volta imuno… Essa doença é um atraso de vida, eu tinha tanta coisa para botar em ordem aqui em casa… fico aflita quando vejo bagunça, mas, por melhor que eu esteja, não aguento ficar em pé por muito tempo porque a escoliose sempre rouba a cena, o cansaço fica insuportável e tenho que me deitar por meia hora.

Fui aconselhada a não fazer xixi no banho porque depois de quimio e imuno o corpo vai eliminando toxinas pelo xixi, e não é legal ter contato direto com ele. E eu gostava muito de mijar em pé.

Tudo ficou a Deus dará, e Ele deu. Depois do novo ciclo de tratamento, novos exames: os pontos sumiram, e eu fiquei mais animadinha. Sei que eles vão voltar, mas é aquela coisa do “um dia de cada vez”. Até os bichinhos ficaram mais calmos e carinhosos: Micaela/Lady Mirian/Jacaré cada vez mais fofa, Nino Jesus cada vez mais guloso e Neguinha/Gata Van Gogh cada vez mais sociável… meus três amores que me fazem carinho, cada um com sua personalidade.

Nessas, Lady Mirian se aproximou do Nino, viraram parceiros e brincam de esconde-esconde. Na correria, Lady Mirian quebrou um

abajurzinho que eu adorava. Tudo bem. Quando eu morrer, não levo nenhum abajur, só o amor dos bichos.

Epílogo

Sou tão distanciada de mim mesma que pareço estar falando de uma amiga de infância querida que eu conheço há muito tempo e só reencontrei agora. Somos tão parecidas e tão diferentes.

Parecidas porque ela é do meu tempo, da minha geração, uma baby boomer pós-guerra. Passamos a adolescência juntas, experimentamos o primeiro beijo, cursamos o mesmo colégio.

Diferentes porque ela seguiu o caminho da música enquanto eu ficava espiando o show da coxia e depois dizia que foi bacana — no que ela nunca concordava comigo. Durante cinquenta anos ininterruptos, lembro como ela cantou e pulou no palco pelos quatro cantos do mundo e hoje está aposentada. Escrevi um livro sobre ela, dou declarações como ela. Enfim, posso dizer que agradeço minha querida eu, o prazer que tive sendo ela. Falando em mim, me vejo em todas as cartas do tarô:

Fui o Mago, quando me metia a desvendar os mistérios das perguntas que fazia a mim mesma…

Fui a Papisa, crente que conhecia a vã filosofia entre o céu e a terra…

Fui a Imperatriz, tive grana, poder, morei num palácio, mas no fundo sempre quis viver no meio do mato…

Na figura do Imperador, o patriarcado cortava minhas asinhas quando invadia a praia dos que diziam me faltar "culhões" para fazer rock…

O Papa representa a excomunhão da Igreja quando me vesti de Nossa Senhora Aparecida…

Desde que conheci Roberto, meu grande amor, vivi por completo o significado dos Amantes…

Quando me encontrava perdida, estive no comando da Carruagem sem saber que direção seguir…

Uma vez decidido o caminho, sentia a Força e nada, nem ninguém, conseguia segurar minha leoa…

Certas vezes me isolava de tudo e de todos e seguia o exemplo do Eremita…

Mas eis que a sorte sempre me aparecia quando girava a Roda da Fortuna…

Quando fui presa grávida, a Justiça não me favoreceu — e várias outras vezes foi injusta comigo…

Conheci o fundo do poço quando me afoguei nas drogas e meu mundo virou de ponta-cabeça, como o Enforcado…

Uma época, a Morte não deu sossego e levou para longe de mim um a um da minha família e dos meus amigos…

Eu apelava à Temperança para me pôr novamente nos trilhos quando *the show must go on…*

O Diabo me tentava com sua ira e revolta, e eu me via novamente à mercê das armadilhas da vida…

Sem falar da sensação ao despencar de uma Torre em chamas e de me espatifar no chão…

De repente, olhei para o céu e ele me disse: você vai brilhar como a Estrela…

A Lua me avisava dos inimigos ocultos que rodeavam feito lobos famintos, tentando acabar comigo…

But here comes the sun, o Sol despejando sobre minha cabeça o contentamento de estar viva…

E me incluía no Julgamento dos justos, subindo aos céus com todos os meus pecados perdoados…

E lá de cima eu contemplava o Mundo agradecendo o sucesso que tive brincando de música…

Mas como bom coringa que sou, escolho a carta do tarô que mais me representa: o Louco.

O colecionador de mim 2

QUANDO COMECEI A ESCREVER ESTE LIVRO, ainda sem saber se o lançaria ou não, fui logo pedir para que meu querido Phantom desse o ar de sua graça aqui, assim como na primeira autobiografia. Uma desculpa perfeita para ler o que Gui Samora, meu filho/editor/melhor amigo, escreve. Ele tem altas sacadas quando o assunto sou eu e, confesso, gosto de ler o que ele tem a dizer sobre mim. A bênção, filho.

Sua resolução de vida deveria ser adotar um cachorro, um gato ou outro bichinho que esteja precisando.

E sinta o que é ser amado de volta.

Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes: